

O egoísmo, qualidade prima dos governantes, e a corrupção, caráter genético dos representantes em toda a extensão do planeta, apodrecem valores, destroem futuros, propalam a fome, plantam violência, destroem desejos, assassinam crianças, mutilam adolescentes, defloram jovens, estupram conhecimentos dos que chegaram ao ápice da sua melhor contribuição, constroem idosos nas frias madrugadas de suas parcas vidas, em intermináveis e vis filas dos seguros sociais. Realizam a reforma agrária nos sete palmos de terra onde são enterrados corpos cadavéricos carcomidos pelo desalento.

O imperialismo, especialista em incentivar atos terroristas, repete, reprisa o financiamento de apátridas para atacar duas lanchas pesqueiras, afundando, ferindo e assassinando um dos tripulantes. São incontáveis os ataques terroristas à Ilha depois da nossa chegada por aqui. De “Playa Girón” aos dias de hoje, os inimigos de Cuba não fazem outra coisa a não ser agredir, violentar, matar, ferir, destruir. Podemos escrever a sangue e fogo – este povo não se curvará. Anos podem passar de bloqueio brutal, inumano, mas os cubanos não entregarão um pedacinho sequer do terreno pátrio conquistado naquele primeiro de janeiro de 1959. Aprendi no dia a dia, essa simples verdade.

Carlos, o nosso guerreiro, escrevia do front em Angola. Feliz pela contribuição que podia dar ao povo africano, tantos séculos explorado pelo conquistador cruel e sanguinário. Às vezes, estando em Luanda com o pessoal do cinema, telefonava para Havana. Falava com as crianças, enchendo-as de carinho.

- Tio, não sei fração, - comentou Marcello.
- Amanhã tento ligar para você. Vamos resolver este assunto. Combinado?
- Combinado. - saltitava Marcello pela sala mexicana.

A presença mexicana se fundia ao samba e à Nova Trova. Era um tal de Pedro Vargas, sucedido por uma Beth Carvalho, deslizando deliciosamente em uma “Imaginária Maria del Carmen”, cantada por um trovador adorado. Mais feliz impossível, não fosse a saudade que dilacera as vísceras, estrangula; carência de corcovados e da Portela.

Dia seguinte, ao soar o timbre, imediatamente corremos a falar com Carlos. Marcello pegou o telefone. Apontava as explicações detalhadamente.

- Como foi que você disse? Pegar três cores diferentes? Dividir em pedaços. Escreva aí, mãe.

- Estou escrevendo, Cell.
- Corre.

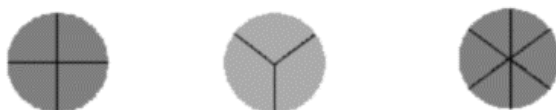
- Estou correndo.

- A primeira corte em quatro partes. A segunda cor em três partes e terceira cor em seis partes – explicava Carlos.

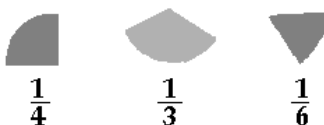
Assim, em uma chamada de longa distância. Aliás, longuíssssssssima distância, Marcello aprendeu a aula dada no dia anterior na escola. Apenas um pretexto para preencher a falta que este filho de Ogum – guerreiro por natureza, fazia nos dias de imensa nostalgia.



Reúna as peças de cada cor:



Portanto, cada peça é uma fração do círculo:



Inacreditável este Carlos. Seu irmão não é? – afirma Santiago Alvarez, acabado de chegar de Luanda onde filmaram um desses raros documentários.

- Não, Carlos é além de irmão, é o companheiro certo de todas as horas, para o que der e vier. Seja na Itália, Angola, front ou nos braços de uma linda morena, se precisarmos, lá estará ele. Presente sempre. Volta e meia, chamada de algum lugar da África para saber de nós.

Éramos infinitamente felizes. Embora a guerra, a tensão do cotidiano. Queríamos viver. Ser felizes, construir a tão sonhada sociedade do homem novo, com todas as possibilidades que nos *regalava* a revolução, mas o terror rondava. Nem mesmo havíamos nos refeito do seqüestro dos pescadores, e bombas explodiam na embaixada de Cuba em Portugal, matando os

funcionários Adriana Cortho e Efrén Monteagudo. Em Nova York, outra bomba explodia na missão de Cuba junto as Nações Unidas, provocando danos materiais. Contra tudo e contra todos, seguíamos adiante.

Se por um lado, Marcello andava às voltas com a Matemática para fazer as provas, Edu, que desde então era cobra em números e seus derivados, preparava, com uma euforia ímpar, sua participação no XV aniversário da criação do Ministério do Interior. Um grupo de crianças iria representar um esquete sobre os guarda-fronteiras. Fidel e todos os comandantes da revolução estariam presentes. Uma comemoração inesquecível. Todos os dias, repassávamos o texto. A tensão aumentava.

- Calma, Eduche! - tranqüilizava Nicola. - Tudo sairá maravilha. Você é um bárbaro.

- Mãe!!!!!!!!!!!!!! - apertava meu pescoço, em um sufoco de alegria. - Fidel estava lá. Tremi que nem vara verde ao vento. Mas representei direitinho. Nem conseguia olhar para ele. Fiquei nervoso, igualzinho a você quando o viu pela vez primeira. Lembra? È grande como um jogador de basquete. Tava de roupa do exército.

- Verde-oliva?

- Isso mesmo. As botas como as dos guarda-fronteiras. Mãe! Olha para cá. Cala a boca, Manito!

- Também quero saber como foi – interpelou Marcello, tentando saber mais detalhes sobre o Comandante.

- Ah! Quando ele fala, olha pra gente. Mexe e remexe nos microfones. Todos os nossos amigos estavam lá. Eu vi.

- E os outros guris representaram direitinho?

- Representaram. Só um deles tropeçou no degrau. Não caiu, sabe!

Para Eduardo - um brasileiro - homenagear os companheiros do Minint transcendia à expectativa. Para mim, um orgulho impensável.

O Minint é uma espécie de enigma inatingível. Criado para contrarrestar os ataques de contra revolucionários. É composto de homens dedicados, guerreiros. Para nós somos como super-heróis. Na realidade, são sentimentais, familiares, amorosos. Fomos presos por este amor nos primeiros dias na Ilha. Nada temíamos. Em algum lugar, um Ifraim, um Rafael, um Olaf, um Fabian velava nossos sonhos. Com eles, aprendi desde as primeiras lições de culinária ao sentimento que permeia minha vida: a solidariedade. Cantados em prosa e verso, fortalecem-nos ante a presença constante das ameaças terroristas. São

os guardiões da Pátria.

As férias desta vez serão em Matahambre, Pinar del Rio.

Hoje ,vamos fazer porco assado bem diferente, confidenciou Munda.

- Diferente?

- Bem Diferente. Vamos recheá-lo de congrí, bastante cebola, alho, cominho, e outros segredinhos mais. Finalmente, assá-lo na brasa. Algumas cervejas bem geladas, aipim no molho. Sobremesa: mermelada de goiaba com queijo branco ou requieijão

Munda, você está brincando, ou falando sério? Essa comidinha me cheira coisas do Brasil.

Do Brasil, que nada. Comida cubana das boas. Menina, esqueceu que somos irmãos no amor e na raça?

Dias de paz, de mimos, de denço. Julho se transformou em pura emoção e gulodices. Agosto não seria diferente. Recarregamos as baterias até mesmo a saudade era menos acre.

“Viver não é respirar, mas construir” desta maneira havia vivido o “Grande timoneiro” de 800 milhões de chineses, até sua morte no início de setembro. Mao Tsé Tung encarnava a lenda do herói revolucionário. Da marcha de 1934, uma jornada de 9.600 Km em 368 dias, à implantação do socialismo na China. Da revolução cultural, ao desenvolvimento. Mao entrou definitivamente na história dos grandes líderes da humanidade.

A Operação Condor, organização dos setores militares e da Cia, que tinha por finalidade perseguir internacionalmente os revolucionários latino-americanos e caribenhos, mata em um atentado, em Washington, o ex-Chanceler do Chile no governo de Salvador Allende. Letelier engrossa a lista dos assassinados. Os sucessivos atentados à Cuba fazem parte desta operação terrorista. A Ilha - seu alvo maior.

- Preste atenção, Comandante. Você. Não é bocê. Está bem?

- Vvvvvocê. Esta palavra é complicadíssima. V em lugar de B. Bom, vamos lá – insistia na pronúncia até a quase perfeição.

As aulas invadiam a noite e o interesse de todos me estimulava.O Tempo curto, a pressa de aprender tanta coisa em poucos dias aumentava a adrenalina. Cubana de Aviación teria, de agora em diante, comissários e Comandantes falando um simpático portunhol em terras além-amar. Na primeira viagem, trouxeram um lindo colar de sementes nativas. Artesanato de alta qualidade

que passei ostentar nos shows dos trovadores, fazendo inveja a quantos o viam. Depois, uma saia rodada, amarela com flores pintadas entre o amarelo do sol ardente africano e o marrom das terras sem cultivo. Na terceira viagem, uma linda camisa com a foto de Agostinho Neto. “Desta forma, daqui a pouco, terei um guarda-roupa todo africano”, brincava toda boba com os *experts* dos céus afro-caribenhos.

Nas alegrias de idas e vindas, o choque, a dor, profunda como o próprio mar que os tragara. Rodava como louca pela sala, lágrimas se confundiam com os gritos sufocados. Impossível! Impossível acreditar. Tamanha barbárie não podia ser concebível. Uma bomba. Duas bombas. E todos os que viajavam a Havana, desde Barbados, mergulharam suas esperanças, seus sorrisos, sua luta cotidiana, a felicidade de voltar e ver seus familiares, de sentir o calor de sua ilha. Perderam-se para sempre, em um dos piores ataques terroristas já registrados na História. Quem ousara executar este plano sórdido? Quem teria tido a coragem de carregar tantas mortes em suas costas? Que motivo leva um homem ou quantos homens ousam matar em nome de uns quantos dólares? Que ódio pode carregar um coração a ponto de matar uma equipe inteira de jovens esgrimistas? Em nome de que paz assassinaram passageiros asiáticos? Em nome de que liberdade cortaram a liberdade de duas tripulações?

Durante dias, brigadas vasculharam o mar. Poucos corpos resgatados, muita tristeza. Caladamente, o povo cubano seguia atento às notícias. O céu chorava nossa dor e sob lágrimas, silenciosos, doloridos, durante três dias, o povo cubano reverenciou seus companheiros brutalmente executados. Este atentado tinha um dono, um nome e um executor: a CIA, os contra revolucionários de Miami e um assassino frio, cruel, calculista – Posada Carriles.

Na Praça, molhada em lágrimas, a voz de Fidel soava trêmula, embargada pela dor:

*“En pleno vuelo el avión fue destruido por una carga explosiva a los pocos minutos de haber despegado del aeropuerto de Barbados. Con heroísmo indescriptible los bravos y expertos pilotos de la nave hicieron un supremo esfuerzo para hacerla regresar a tierra, pero el equipo, ardiendo y casi destruido, solo pudo permanecer en el aire unos minutos más. Contaron, sin embargo, con el tiempo y la entereza suficiente para explicar que había ocurrido una explosión a bordo, que la nave ardía e intentaban regresar a tierra. Es inimaginable el drama que tiene que haber significado para los pasajeros y los tripulantes la explosión y el incendio encerrados en una nave aérea a una altura aproximada de 6 000 metros.*

*Alguna agencia imperialista de inmediato habló sobre un posible fallo mecánico, pero en cinta grabada quedaron registradas todas las palabras del piloto trasmitidas al aeropuerto de Barbados. A esa evidencia se sumaron inmediatamente otras. Dos individuos con documentos que los acreditaban como venezolanos habían tomado el avión en Trinidad para descender del mismo en Barbados antes del accidente; casi inmediatamente después que la nave estallara en el aire tomaron otro avión de regreso a Trinidad, donde se alojaron sin equipaje alguno en el más lujoso hotel. A petición de las autoridades de Barbados, a quienes se les habían hecho sospechosos, fueron arrestados. Por el carácter de la documentación, las autoridades de Venezuela tuvieron también rápido conocimiento de los hechos y acceso a la investigación. Al día siguiente, 7 de octubre, el presidente de Venezuela, Carlos Andrés Pérez, en cable de condolencia a Cuba, calificaba el hecho de abominable crimen. En términos públicos semejantes se expresó después, en la sede de Naciones Unidas, el propio Primer Ministro de Barbados. El hecho de que esos gobiernos —cuyos funcionarios tenían acceso a las fuentes más inmediatas e importantes de información, que eran los propios arrestados, las circunstancias que rodeaban su conducta y sus documentos— calificaran el acto como terrorismo, era ya de por sí muy significativo.*

*Aunque desde las primeras informaciones el Gobierno de Cuba no albergaba la menor duda acerca de la causa de la tragedia, se abstuvo de hacer declaración alguna en espera de analizar cuidadosamente las noticias que se fueran recibiendo, así como los antecedentes e informes —unos públicos y otros confidenciales— que obraban en su poder.*

*Podríamos preguntarnos qué se pretende con estos crímenes. ¿Destruir la Revolución? (Exclamaciones de: "¡No!") Es imposible. La Revolución emerge más vigorosa frente a cada golpe y cada agresión, se profundiza, se hace más consciente, se hace más fuerte (Aplausos). ¿Intimidar al pueblo? (Exclamaciones de: "¡No!") Es imposible. Frente a la cobardía y la monstruosidad de crímenes semejantes el pueblo se enardece, y cada hombre y mujer se convierte en un soldado fervoroso y heroico dispuesto a morir (Aplausos).*

*La Revolución nos inculcó a todos la idea de la fraternidad y la solidaridad humana. A todos nos hizo hermanos entrañables en los que la sangre de uno pertenece a todos y la sangre de todos pertenece a cada uno de los demás (Aplausos). Por eso el dolor es de todos, el luto es de todos, pero la invencible y poderosa fuerza de millones de personas es nuestra fuerza. ¡Y nuestra fuerza no es solo la fuerza de un pueblo, es la fuerza de todos los pueblos que ya*

*se redimieron de la esclavitud y la de todos los que en el mundo luchan para erradicar del seno de la sociedad humana la explotación, la injusticia y el crimen! (Aplausos.) Nuestra fuerza es, en fin, la fuerza del patriotismo y la fuerza del internacionalismo. Las ideas por las que luchamos son estandarte de los hombres más honestos y dignos del mundo de hoy y el emblema seguro y victorioso del mundo de mañana. Hacia nuestros hermanos guyaneses y coreanos inmolados ese día, va también nuestro recuerdo más ferviente en estos instantes. Ellos nos recuerdan que los crímenes del imperialismo no tienen fronteras, que todos pertenecemos a la misma familia humana y que nuestra lucha es universal (Aplausos). No podemos decir que el dolor se comparte. El dolor se multiplica. Millones de cubanos lloramos hoy junto a los seres queridos de las víctimas del abominable crimen. ¡Y cuando un pueblo enérgico y viril llora, la injusticia tiembla!”*

Como chegamos, saímos da Praça a pedido do Comandante, porque a rua que leva ao cemitério não comportaria tanta gente. Cada um sabia de antemão que a injustiça sim tremeria no dia do seu juízo. Buscar os assassinos, lutar por sua punição era um dever, mais que um desejo. Passei pela escola para abraçar as crianças. Unicamente elas abrandam a dor. Cell ,olhos nos olhos, repetiu a fala final do emocionante discurso daquela tarde chuvosa. Anos a fio, nas noites de intensa tristeza, ouvia sua pequenina voz.

*“Quando um pueblo enérgico e viril chora, a injustiça treme”*

Enlouquecidos com o fortalecimento da revolução, terroristas, em vão, tentavam desestabilizá-la. Em Mérida, no intento de seqüestrar o Cônsul Cubano, é assassinado o técnico da indústria pesqueira de Camarões, Artaignan Diaz Diaz. É baleada a embaixada cubana, em Caracas.

- Mãe! Mãe! Carros pretos cheios de gente estão estacionando em frente ao edifício. Vem para cá.

- Como sabem?

- Um deles disse que a “Mirian, si, vive aqui”.

Abrindo a porta, deparo-me com Luís Cabral, o velho amigo das primeiras noites havaneiras, dos papos na madrugada. Das lembranças de independência, hoje uma realidade. Abraçamo-nos por um bom tempo, entre duas emoções: a perda de Amílcar e a alegria de vê-lo Presidente de Guiné Bissau e Cabo Verde.

- Acho que esta brasileira é bruxa. Quantas vezes, naquelas madrugadas, prognosticava que seria eu um dia Presidente? Ora, pois.

- São as voltas que esta vida dá - ri num abraço apertado.

Conversamos um pouco e lá se foi mais uma vez um grande amigo cumprir

com as tarefas que a vida revolucionária nos impõe. Dentre as amarguras, um dia feliz.

Depois de Luís Cabral, uma leva de africanos aportou em Cuba para estudar. Medicina, enfermagem, história e outras tantas especialidades, inclusive militares. As tardes de sábado mudaram para a *Calle 3ª*, entre 96 e 96A. Guitarras dedilhavam canções cabo verdianas, matizadas pelo toque virtuoso de Nicola, pela alegria dos Edgares, Djosas, Felipes, Cesarias. Sábados, infalivelmente invejados. Meninas de tranças e sorrisos largos, lindas, de pôr qualquer mortal à beira de um colapso, se confundiam com a beleza crua selvagem de um Edgard, mergulhado nas estrofes de John Lennon, soprando para a brisa da tarde as canções que “*você fez para mim*”, de um Roberto Carlos idolatrado em terras africanas, e as canções de Amandio Cabral, como “*Sodade*”.

*Quem mostra' bo  
Ess caminho longe?*

*Quem mostra' bo  
Ess caminho longe?*

*Ess caminho  
Pa São Tomé*

*Sodade sodade  
Sodade*

*Dess nha terra Sao Nicolau*

*Si bô 'screvê' me*

*'M ta 'screvê be*

*Si bô 'squecê me*

*'M ta 'squecê be*

*Até dia*

*Qui bô voltà*

*Sodade sodade  
Sodade*

*Dess nha terra Sao Nicolau*

- A *sodade* da pátria é igual em todos os idiomas - dizia Edgard.

Julian, um companheiro que atendia a famílias cujos pais estavam na guerra em Angola, nas inúmeras noites em que me deixava, insistia que eu encontrasse um companheiro para amenizar a solidão.

- Nem pensar. Prefiro assim. Compromisso é complicado, voltarei ao Brasil



em algum momento. Nicola casou com Mariana. Aliás, Nicola ama a Mariana. Também me ama, tem demonstrado ao largo de todos estes anos. Mas, nunca deixará sua pátria. Sabe, que não hesitarei um segundo em voltar à minha. E, aí? Só um angolano, militante do MPLA, batendo a minha porta. Batendo à porta. Tumm. Tumm. Tumm. Sem campainha.

- Puxa! Inacreditável. Um anúncio no Granma? Talvez a solução. Brasileira, solteira, bonita, busca angolano... hahahaha! Assim impossível – divertia-se Julian, após um dia de trabalho, tenso e gratificante. Dar solidariedade era nossa principal tarefa.

Sábado trás sábado, traziam à casa brasileira um novo membro. Novas canções, outras palavras dos dialetos irmão. Um dia, chegou Jacinto Estrela. Um pedaço de mau caminho. Angolano, militante do MPLA, que, para contrariar minha determinação, havia batido na porta e não a campainha, como seria natural.

- Dojsa, por que não tocou a campainha?

- Foi Jacinto, que bateu à porta.

- Tudo bem. Entre, já estamos a almoçar.

- Um momento! Tocou à porta contrariando o cotidiano? – perguntei.

- Ora pois.

- Nacionalidade?

- Angolano.

- Quê? Militante do MPLA?

- Assustado, respondeu que sim.

- Pronto. Encontrei minha cara-metade. Vamos nos casar.

- Casar. Que é isso? - Sem entender nada, Jacinto ia, de garfada em garfada, avaliando a história.

Resumi o papo com Julian. Risada geral. Finalizamos a tarde alegres na esperança de uma breve festa comemorativa. Bodas no ar. Dias depois, trancinhas nos cabelos, elaboradas qual obra de arte pelas Guineanas, cuscuz de farinha de mandioca, aliança de ouro com sete aros, linda de morrer, decidimos viver nos fins de semana um grande caso de amor. Claro que o amor acatou uma grande amizade, regada à música, poesia; a ancestralidade de dois povos unidos através de muitos e muitos séculos. No ano seguinte, fui madrinha do casamento de Jacinto com uma bela cubana.

“Liberdade, Anistia” ouvia-se em unísono durante o cortejo fúnebre do Presidente João Goulart, deposto pelo golpe militar em 1964, enterrado em São Borja no Rio Grande do Sul. Jango faleceu na sua fazenda La Villa, na Argentina. Doze anos de ditadura. Doze anos de tortura, de morte, de sofrimento, de exílio para muitos. Na Espanha, é referendada uma nova reforma política, pondo fim

ao franquismo. No Brasil, a polícia invade um aparelho do PC do B e mata alguns de seus líderes.

Dezembro desabrocha entre tragédia e comédia, como costuma ser a vida. Alegria e tristeza confundem sentimentos, embaralham sonhos, alavancam universos. Dezembro, mês de balanços. De perdas irreparáveis, de ganhos. Dentre tantas que a vida me aprontou, decidi que, por pior que fosse, era o mês do Cell e do Edu. Enxugar a dor, comemorar a vida. Tudo o que a vida me tirou e que até hoje dói tanto, retornou em ternura, no riso dessa criançada brasileira que cresce cercada de amor, de poesia, de música, de companheiros imprescindíveis, de conhecimentos, de uma invejada infância.

Agito total por todo o apartamento do Pablo Labañino. Na varanda, surge entre os dedos mágicos de Nelson Dominguez, Choco e Raimundo uma piñata em forma de conversível vermelho. Nos cartazes, Mafalda – a contestadora de Quino, adorada por gerações, encontrava seu lugar nas paredes, onde as vinhetas iam surgindo da imaginação apaixonada de Nelson Herrera, poeta que amo de paixão. Luz del Carmen Zuno e Izidro Botalim, aos beijos, adornam a mesa com sanduíches de dar água na boca, juntavam-se as famosas mil folhas, ponto alto de qualquer festa infantil, sem falar no bolo que esperava ansioso o momento em que seria a felicidade geral da garotada – grande e pequena, atirado numa guerra de açúcar por todos os lados. Madrugada adentro, Preta Pretinha, Bloco de sujos, Rancho da Goiabada, O que será que será, em uma mistura frenética de sambas, frevos, sambas-canções e marchas carnavalescas, abraçados pela alegria e a saudade. Celebrava os 10 anos do Marcello e os 9 do Eduardo.

Na playta, o trinta e um chegava de mansinho nos enchendo de esperanças. De CDR em CDR, festejávamos um novo amanhecer. Naquele ano, acordamos sob o sol de Varadero. Se 1977 seria o ano da volta ao país verde de um mar intenso, de frondosas florestas, do gingado do samba, do negro, do mestiço, do índio, do Martinho da Vila, dos sonhos do Darcy Ribeiro, das arquiteturas de Niemeyer, do Fradinho do Henfil, do Domingos de Oliveira, do Antunes – gênio teatral, da Fernanda Montenegro, não sabia com certeza. Mas que era de esperança, não tenho dúvida.

*Quiero dormir un rato,  
Un rato, un minuto, un siglo;*

## 1977 – “Año de la Institucionalización”

*Deixe-me ir, preciso andar, vou por aí a procurar, rir pra não chorar,  
"quero assistir o sol nascer, ver as águas dos rios correr,  
ouvir o pássaro cantar, eu quero nascer, quero viver...  
Deixe-me ir, preciso andar, vou por aí a procurar, rir pra não chorar,  
se alguém for vir perguntar, diga que eu só vou voltar depois que eu  
me encontrar...  
Quero assistir o sol nascer, ver as águas dos rios correr,  
ouvir o pássaro cantar, eu quero nascer, quero viver...  
Deixe-me ir preciso andar, vou por aí a procurar, rir pra não chorar."*  
*Preciso Me Encontrar - Cartola*<sup>51</sup>

Janeiro acorda preguiçoso. De ressaca, quase sempre. Contudo, é um mês de acerto de contas com o futuro. Planejar trabalhos, encaminhar realizações, orçar felicidades.

Luz e Botalim, já casados por mim em uma cerimônia singela, à meia-noite do dia 31, no reveillon da casa do Glenn - um amigo de tantos e incontáveis anos, - viajarão para Santiago de Cuba, onde pretendiam viver por uns tempos. Botalim, o menino rebelde da Nova Trova, um dos maiores mestres da litografia, compunha, cantava como um anjo. Um artista total, sem contar a ternura entrelaçada à alegria santiagueira. Luz del Carmen, uma preciosa mexicana amiga de lutas e desejos de liberdade, declamava Vinícius: “que não seja eterno, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure”. Valeria a pena esta união? Como valeu! Paloma e Alondra, duas mensageiras deste amor voam pelos céus do México, lindas, fortes, seguras.

Janeiro. Impetuoso. Solitário, às vezes. Sem flamboyants, nem margaridas. Ondas gigantes açoitando as pedras do malecón, não traz furações no seu vento frio. Na esquina de F e Treze, ainda não vive o poeta de cabelos grisalhos, mirada amorosa, versos de séculos inteiros.

Damaris, Tia e as crianças passam os dias na espera de uma boa notícia do Brasil. Tia faz de tudo. Cozinha, cria um cabrito, tem flores e verduras no seu quintal. Lá se vão sete anos que chegamos. A saudade do cheiro desta pátria bendita é a mesma do dia primeiro. Os cubanos nos *cobrem* de alegrias, mas

---

<sup>51</sup> Cartola – Angenor de Oliveira – compositor, poeta Catete Rio de Janeiro.

sabem que a nossa lua, o nosso céu, a terra que pisamos quando ainda nem sabíamos o que nos reservava a vida, nunca serão iguais.

O toque da campainha souo forte, apressado. Já era noite em Havana, meu Rio de Janeiro possivelmente dormia. Parado diante de mim, todo riso: Silvio.

- Rápido! – puxando-me pelas mãos.

- Ficou louco! Aonde vamos?

- Entre no carro!

- Olha, menino, onde você está me levando?

- Fica quieta. Espera... - apertando o acelerador. - Desça depressa., menina.

- E quê?

- Sua lua é maior que essa aí? Diga-me? Sem pensar.

A lua intensa reluzia no malecón, prateando as águas do Atlântico. Extasiada, maravilhada, emudeci. Palavras. Momentos como este dispensam adjetivos. Carinho igual induz às lágrimas. Como agradecer aos doces trovadores momentos como este de extrema e aturdida felicidade? Parados, quietos, como requer tanta beleza, viajei quilômetros, cruzei galáxias, adentrei buracos negros e despertei sob a mira do extraterrestre, sentado na mureta, acenando a cabeça, confirmando a pergunta. Nem na longínqua Cassiopéia, pode-se ver luz igual. Ah! Silvio. Não falta tanto para você caminhar, lua no alto, pelas minhas areias, sentir a suave brisa de Copacabana, tocar as folhas que caem das florestas que circundam o mar.

- Um dia destes, vamos ver um rio que desaparece em uma árvore frondosa. Lá em Santo Antônio de los Banhos. Aposto que no Brasil você não encontra um fenômeno assim.

Será? Falando com franqueza, até hoje não vi um rio se perder embaixo de uma árvore e nunca sair no mar. Penso que se perdeu em algum lençol freático, transformou-se em petróleo e ainda vai jorrar pertinho de Santo Antônio.

Notícias do Brasil, atrasadas em dias, nos deixou o coração ferido. Maysa, que preenche tantas noites de Miramar, morre em um acidente de carro na recém-construída ponte Rio-Niterói. Noite adentro, a voz de Lourdes ganhou os ares e homenageou sua compositora e intérprete preferida. Pequeno este planeta. Na *Calle Terceira*, bem junto ao mar, na ilha mais badalada do Caribe, nossa cantora maior tinha uma infinidade de fãs.

Raúl Castro Ruz homenageia com a “Medalha Comemorativa XX Aniversário das Forças Armadas Revolucionárias”, pelo dia Internacional da Mulher, a Célia Sanchez, Haydeé Santamaría, Wilma Espin, Melba Hernandez e

Delsa Esther Puebla, todas guerrilheiras desde os tempos do Moncada.

No ano de 1857, justamente no oito de março, operárias têxteis de uma fábrica de Nova Iorque entram em greve, reivindicando a redução da jornada de trabalho, de dezesseis horas, ganhando menos de um terço do que ganhavam os homens, para dez horas. Fechadas na fábrica, morreram queimadas cerca de 130 delas. Em 1910, em uma conferência internacional de mulheres realizada na Dinamarca, decidiu-se homenageá-las, estabelecendo o dia 8 de março como o "Dia Internacional da Mulher". Desde então, o movimento a favor da emancipação da mulher foi tomando forma em todos os países. A luta pela libertação da mulher deve estar vinculada à busca de solução dos problemas gerais da sociedade. Em raras oportunidades, as forças políticas elegem a questão da mulher como fundamental para o desenvolvimento do processo de libertação dos povos. A mulher joga com um papel primordial nas mudanças sociais. Mãe, influência, educa na busca do conhecimento e da liberdade. Esposa, impulsiona, apóia, constrói lado a lado as novas conquistas no seio da comunidade. Nos cárceres, entrega sua vida, convicta de suas verdades. Nas praças, enfrenta as forças policiais, denunciando a perda de seus filhos, amigos, companheiros. Cuba, vanguarda de idéias e ideais, cede espaço ao avanço da força feminina no campo, nas forças armadas, nas profissões outrora exercida tão somente pelos homens. Batalhadoras ocupam seu devido lugar ao sol. Faço parte deste exército de mulheres. Sinto orgulho de ser mãe guerrilheira, de pertencer ao Comitê de Defesa da Revolução, como orientadora ideológica, companheira na luta e fora dela. Ficar nesta ilha, ajudar a construir uma sociedade nova, foi a melhor opção que já fiz na vida. Acredito mesmo neste batalhão de fé, gente comprometida e partícipe desta revolução. Sem ele, sem a participação em massa, a Revolução não teria sobrevivido a tantos reveses.

Treze anos depois, no mesmo dia do golpe militar, o Ditador Ernesto Geisel decretou o recesso do Congresso. Elaborou o "Pacote de Abril", enfurecido com a derrota do anteprojeto do Poder Judiciário. Tomou medidas nos quatorze dias consecutivos, entre elas: a pretendida reforma do Judiciário, o novo mandato presidencial de seis anos, a eleição indireta de um terço do Senado, o aumento das bancadas dos Estados menos desenvolvidos, onde a Arena - partido do Governo - tinha maioria de votos. A tensão aumentava no país *al Sul* do Equador, a operação Condor aumentava sua vigilância sobre a movimentação dos exilados; Brizola é expulso do Uruguai e pede asilo aos Estados Unidos.

Um terremoto estremeceu o dia, Maria Auxiliadora Lara Barcellos, a

companheira dos momentos difíceis da clandestinidade, presa em 1969, estupidamente torturada, testemunha ocular do assassinato de seu companheiro Carlos Chael, se suicida na Alemanha, onde se encontrava exilada. Quanta dor, quanto sofrimento, quantas lembranças não superadas levaram-na a decidir pelo silêncio? Quantas vidas a ditadura iria ainda levar à loucura? O exílio arrebatava a identidade, destrói a alma, aprisiona sentimentos, marca a ferro e fogo. “Seguiremos lutando por você até onde der e como der. Pelos que não puderam ver o amanhã. Hoje. Sempre.” Lágrimas sufocavam minha voz.

- Um pôr-do-sol viria bem. Que tal?

- Não quero. Até a palmeira que enfeita a entrada do prédio embota a minha cabeça.

- Calma, por favor. Nada é definitivo. Diferentes dias virão. Uma linda primavera lhe espera.

Nicola tentava amenizar tantas dores com ele vivida ao longo destes anos. Foram tantas e insubstituíveis perdas, que nem ele mesmo conseguia encontrar alentos.

- Como vai a preparação do curso de Português para a Faculdade de Letras? As aulas através da análise sintática vão ou não vão ser uma revolução? – tentou rir.

- Acho que vai. Passo noites a fio procurando exemplos. Complicado. Bem complicado e trabalhoso. No fim sairá uma maravilha.

- E o mestrado em análise estruturada vai indo bem? Não pode fazer feio.

De mansinho, ia me sacando da fossa. O trabalho sempre foi o melhor remédio para a dor, principalmente se é irreversível.

- Vamos jogar um buraco? Depois toco um pouco de violão. Pensa que não sei que os Manguarés cantaram “Samba de Orly”, quando você chegou à Uneac? Gostou da Pequena Serenata Diurna? Viu como Silvio conseguiu fazer o tal samba-canção? Cobra este poeta! E se o Chico gravar? Bárbaro! – ia falando, afinando a guitarra. - Tatuagem ou cotidiano?

- As duas. Depois... “A ver”, “Quatro estações”.

- Primeiro me diga como vai a tradução dos sonetos do Vinícius.

- Super difícil. As rimas são fantásticas. Vivo recitando Vinícius pelas ruas. Se durmo, os versos saem do subconsciente. Vivo, como, sonho Vinícius de Moraes. Nicholas Guillén pegou pesado. Não sou poeta, entretanto, decepcioná-lo nunca. Daqui a uns meses estará pronto. Para que tenho tantos poetas? – sorri.

- Menina!

Impressionante como Nicola cantava sem sotaque tantas canções de Chico, Caetano, Moraes Moreira. Como interpretava Gismonti!

Tudo acontece neste pedaço de terra regada de mar. A União de Pioneiros de Cuba passa a chamar União de Pioneiros José Martí. Seu lema: “Seremos como el Che”. Nas escolas, uniformizados de calça vinho, camisa branca, um lenço vermelho no pescoço, as crianças aprendem desde as primeiras letras a serem dignos, éticos, solidários.

O Primeiro de Maio – Dia dos Trabalhadores - é comemorado com um belo discurso de Fidel Castro na Plaza de la Revolución. No Brasil, é aprovado a Lei do Divórcio. Emenda Constitucional do Senador Nelson Carneiro. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas IBGE em 1974, mais de duzentas mil pessoas estavam desquitadas no país. O número de separadas ultrapassava a faixa dos 1,2 milhões. Moderno, com uma cultura européia acentuada desde o Império, nosso país vive de contradições assustadoras. O assassinato de Claudia Lessin choca a sociedade brasileira. Vinte e um anos, encontrada com cerca de 20 quilos de pedras atadas ao pé, junto às rochas da Avenida Niemeyer.

Recebida com festas, volta à Espanha, após 38 anos de exílio na União Soviética, Dolores Ibarra, Deputada Comunista, apelidada *La Passionária*, seus discursos inflamados levantavam o ânimo dos republicanos contra os desmandos do ditador Franco.

Férias à porta, viajaria com as crianças. Tempo de sol, de praia, de manhã até a noite. De concertos domingueiros. De comidas no restaurante Pequim. De noitadas, na varanda povoada de trovadores. Morrer de rir com as canções de Virulo. Que delícia!

- Para onde você vai? Eu não vou. Vai para Vedado? Eu não vou. - respondia o chofer do táxi, Chevy, que circulava pela cidade.

Enlouqueciam os criticados com o humor genial deste trovador, simpático, tímido, divertido. Suas críticas mexiam com o inconsciente coletivo, com o ridículo das atitudes egoístas e acomodadas. Primeiro a rejeição natural, depois o reconhecimento pequeno, mas significativo. Virulo trouxe um toque novo à trova cubana. “Virulo imprime o humor à essência de seu trabalho; propõe alternativas às definições instituídas e declara que o humor não distrai,

concentra. O Humor não aceita, questiona. O Humor não gratifica, inocula o veneno da dúvida.” O humor educa. Unanimidade nacional, vira do avesso as bases do humor caribenho. Dinâmico, cria com a voracidade da velocidade da luz. Idealiza, cria e dirige, permitindo que eu participe como colaboradora do melhor programa musical destes tempos na TV: “Te doy una canción”, dedicado inteiramente à Nova Trova.

A Nova Trova disseminou pelo mundo os ideais revolucionários de Cuba. Com suas guitarras, os trovadores iam rompendo o bloqueio imposto pelos Estados Unidos. Foram os arautos dos logros do homem novo. Seu canto de amor à Pátria, ao homem, ia ganhando novos mundos. Jovens, adolescentes quase, levavam e traziam informações do mundo musical. Pelos centros de solidariedade espalhados pelo planeta, abriam portas, ganhavam um novo público. Admirados, amados, respeitados, foram se firmando no cenário mundial. A relação com os países da Europa, África e América do Sul foi se solidificando. Quantos olhares direcionaram ao maior fenômeno do século: a construção de uma sociedade livre, a duzentas milhas do imperialismo? Fizeram amigos. . Conquistaram um público. Souberam, como poucos, preservar este companheirismo. Amavam o Brasil, cantavam sua música, admiravam seus compositores e intérpretes. Feliz, via o mundo se abrir àqueles jovens ávidos de saber. Quantas e eternas noites passaram aprendendo a pronunciar corretamente palavras, para interpretar, em shows, canções de Chico, Caetano, Milton, Martinho da Vila, Villa Lobos, homenageando meu país.

No cinema, artistas/diretores brasileiros lideravam o ranking das salas de exibição. A cada ano, mesmo em época de plena ditadura, Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Rui Guerra garantiam a informação cinematográfica. A Semana do Cinema Brasileiro era esperada com entusiasmo por toda a população.

Ver Brasil/Cuba na fachada do Carlos Marx, um moderno teatro construído em Miramar, era o sonho almejado. Em um milagre, que só a arte torna realidade, Djavan, Chico, Gonzaguinha, Zezé Mota, Simone ecoaram pelas ruas de Havana. Quando Silvio dedilhou os primeiros acordes de “*Como gasto papeles recordante*”, os adoradores da música inebriados cantaram em uma só voz todas as estrofes de “Te doy una canción”. Emoção. Pura emoção. Indecifrável. Faltava agora o reverso da medalha: Cuba no Brasil. Um dia seria!



Por quantos anos esperaria? Não fazia diferença.

Take por take, Cell e Edu iam montando a história do próximo filme, desenhado em papel radiográfico lavado com água sanitária, recortado, furado para que pudessem entrar no projetor. Cada película com princípio, meio e fim. Organizadíssimos. Acabamento impecável. Exibiriam para mim assim que terminado, mesmo antes da viagem para a casa de Bárbaro em Pinar del Rio.

Se cansados, desenhavam, alma cheia de cores, esboçavam imagens inimagináveis nas folhas de papel, incentivados por Nelson Dominguez – um dos artistas plásticos mais conceituados, detentor de inúmeros prêmios no exterior e no Caiman verde.

Nelson tem uma pincelada magistral. Cada imagem, pintura ou gravura revela sua veia poética. Brinca com os elementos da natureza, tornando-os arte. Funde o amor, a vida, a esperança, em pinceladas de rara beleza. Passeia pelo imaginário, escapa da realidade, desabrocha na sua infância, no mistério do verde, no vermelho dos pores-do-sol das montanhas camponesas, no brilho ofuscante das estrelas cadentes. Homem adaptado à cidade, guarda a ternura das flores, o olhar penetrante do trabalhador dos canaviais. Tudo regado à experiência de anos manipulando cores e tecnologias.

Uma noite, altas horas, cansado dos palpites nos seus verdes e vermelhos, ordenou-me com linóleo e instrumentos na mão:

- Faça seu próprio quadro. Este vermelho aqui é meu. Tudo bem?

Encabulada, depois de mil perdões, enclausei-me num ímpeto de criação para o criador. Desenhei meu próprio retrato, sem nenhuma intenção de fazê-lo.

Se por susto, ou se Nelson despertou em minhas mãos a benção de poder registrar-me em uma xilografia, jamais saberei. Na parede do meu quarto, no auto-retrato, uma linda mariposa repousa no meu colo. Casualmente, desenhada por ele numa delicada semente. Nelson deixou plantadas muitas sementes, que por vezes acontecem dar frutos.

Antes de partir para o campo, fomos à inauguração do Acampamento Internacional de Pioneiros 26 de julho. Fidel durante algumas horas falou com a meninada. Contou histórias, fez brincadeiras.

*“No podemos dedicarnos solo a construir palacios y campamentos de pioneros, porque todavía tenemos que seguir haciendo escuelas secundarias, escuelas tecnológicas, escuelas preuniversitarias y facultades universitarias, y tenemos que seguir haciendo escuelas primarias y círculos infantiles y policlínicos y hospitales.*

*Hoy, podemos conmemorar el Día de los Niños con este campamento. No está malo; dicen los visitantes que es muy bonito, que es muy bueno. Realmente se escogió uno de los mejores lugares de una de las mejores playas del país; hay quienes dicen que una de las mejores playas del mundo, pero nosotros no lo vamos a decir porque no hemos visitado otras playas del mundo. Dicen que es una de las mejores. Nos alegramos. Y en uno de los mejores lugares de esa playa, se ha construido el campamento internacional de pioneros.”*

E, seguía...

*“Cuando se hizo la cocina, ya se hizo más grande, no para que comieran ustedes solos aquí, porque ustedes son 1.000, un poquito más, y la cocina tiene capacidad ¿saben para cuántos? ¡Para 4 000! Ya está la cocina del campamento de pioneros provincial. Y nosotros hoy visitamos la cocina. ¡Qué cocina! Hay unas pailas grandes, así. Y yo le pregunté al maestro cocinero cuánto arroz podía cocinar ahí, en una paila sola. Me dijo: ‘Doscientas libras de arroz, 1 200 raciones de arroz’. Y le pregunté: ‘¿Y los frijoles dónde los cocina?’ Dice: ‘Ahí’. Digo: ‘¿En qué tiempo, maestro?’ Me dijo: ‘Quince minutos’. Le digo: ‘¿Cómo 15 minutos?’*  
*Yo recordaba cuando estaba preso en Isla de Pinos. De vez en cuando yo era cocinero también, y tenía allí una ollita y estaba dos horas para cocinar aquellos frijoles. No se querían ablandar (RISOS). Y el maestro, en la cocina de ustedes, los cocina en 15 minutos.”*

Com que maestria falava àquelas crianças de línguas e sentimentos diferentes.

*“Sabemos que nuestros pioneros entienden esto. Entienden que mucho de lo que tenemos hoy se lo debemos a los que se sacrificaron ayer (APLAUSOS), pero también saben que mucho de lo que tendrán las futuras generaciones deberá crearse con el sacrificio y el esfuerzo de nuestra presente generación de pioneros (APLAUSOS). Que la oportunidad de ser heroicos existirá siempre, que la oportunidad de sacrificarse existirá siempre, que la oportunidad de luchar existirá siempre. Los años futuros serán también años de esfuerzo, de sacrificio, de lucha, de heroísmo, pero serán también años de victorias y de éxitos.*  
*Las generaciones pasadas no monopolizaron todo el mérito posible; las generaciones futuras tendrán la oportunidad de hacer cosas iguales e aun mejores que las que realizaron nuestra*

*generación y las generaciones pasadas (APLAUSOS).  
En este hermoso día felicitamos a todos los pioneros cubanos, y  
saludamos a todos los pioneros procedentes de otros países que  
nos visitan. Y con inmensa satisfacción, podríamos decir con  
orgullo: nuestro Partido y nuestro Gobierno Revolucionario les  
entregan este campamento internacional que, por voluntad de  
ustedes, se llamará Campamento Internacional 26 de Julio  
(APLAUSOS).”*

As crianças riam encantadas. Os adultos, poucos, jamais esqueceram o dia em que Fidel – o Comandante de nossa esperança - discursou aos Pioneiros de todo o mundo. É preciso muito coração para agüentar tanta emoção.

Nós, de um mundo onde as crianças dormem estendidas nas frias calçadas das cidades, sem um pedaço de pão sequer para saciar sua fome: haja coração...

De férias, aproveito para ler, ouvir longas histórias, respirar oxigênio puro, viver dias de simplicidade intensa. Durante as noites: olhar estrelas, buscar algum cometa perdido, perdendo-me nas lembranças da minha patriazinha. Sofrida. Violentada. Massacrada. Ai. Que saudade danada do chiado dos esses! Os dias com Bárbaro e os mineiros de Mata-Hambre sabiam ser de rara satisfação.

Enquanto curtíamos as benesses do campo, o barco pesqueiro *Rio Jobabo* explodia no Porto de Callao, no Peru. Por sorte, todos os sessenta tripulantes saíram ilesos. Mais um ato terrorista dos mercenários a serviço do império.

Camaguey, cidade escolhida para comemorar o XXIV aniversário do assalto ao Quartel Moncada, recebe com festas o Comandante em Chefe. Lindo este 26. Ao terminar o ato, comovidos, ouvimos a voz de Nicola ecoar pela multidão: “Há um almanaque cheio de dias 26”. Vale a lição. Só começar.

Mal entramos em Havana, mil convites. Inauguração do Museu das Armas, no Castelo da Força - fortaleza mais antiga do continente americano.

- Edu, isto é *mojito*. Você é pequeno. Beber, nem pensar.

- Estou com sede.

- De água será, porque *mojito*, nada.

Sem dar conta, ele pegou outro copo e de um gole tomou a delícia gelada.

Dois mojitos. Ria sem parar. Ria a mais não poder. Queria outro. Queria ir à Bodeguita com Roger Aguilar, pintor, gravador, um dos melhores do atelier da Praça da Catedral.

- Bom, bonito, disponível - brincou Paneca, gravador, dos que fazem da arte

cubana uma referência internacional.

Porres à parte. Uma bronca de leve no Eduardinho, valeu o encontro. Por sua beleza e história, a Praça da Catedral Habana conserva a arquitetura barroca, sendo ponto de encontro de quantos visitam a cidade. O atelier de artes plásticas, parte do fascínio da praça, conheceu, senão as primeiras, muitas obras de artistas hoje famosos no mundo inteiro. Lugar ideal para encontros, decidimos realizar os “Sábados na Praça”.

Em um pequeno palco, desfilaram suas guitarras os meninos da Nova Trova. Em cavaletes improvisados, gravadores do atelier expunham suas obras. Aos poucos, entre música, gravuras, pinturas, chegando devagar a poesia, ir à praça se tornou a cachaça de quantos ansiavam por um fim de semana diferente. Novos espaços culturais animavam a obra de recuperação do patrimônio histórico, iniciada pelo historiador Eusébio Leal.

Poucos amam esta cidade como Leal. Uma esquina pode ser um achado, a janela, antes destruída, luz colorida na praça restaurada. Cada árvore, um pedaço de ferro, uma banheira, têm sua história. Por quantos sábados Cell e Edu ouviam atentos, interessados, as histórias de ruas, praças, da vontade férrea de se construir um museu, da luta para tombar a cidade histórica e recuperar os primórdios da América Caribenha?

Leal esmiuçou, pedaço a pedaço, a cidade velha, tocou cada porta, transformou mentalidades com a força de sua vontade; como um construtor de sonhos e idéias, foi apaixonadamente entrando para a História.

Em agosto, Elvis Presley, ídolo dos anos 50, dono de um estilo próprio, recordista de venda, parâmetro para milhares de jovens, solitário, abandonado, entregue a todo tipo de drogas, morre em Memphis, aos 42 anos.

Em Angola, cubanos lutam lado a lado aos africanos. Muitos regressaram. Leonel, meu vizinho, ainda não. Podiam fazer de tudo um pouco. Uns dando assistência médica, outros ajudando a criar escolas. Nelson Dominguez e Eduardo Rocca, o Choco, por lá andaram criando a Escola de Artes.

Por sinal, uma odisséia a ida dos dois. Marcada a viagem, decidimos fazer aquela despedida, regada a muito rum e música brasileira. Silvio, Pablito, Nicola, Botalim, sem falar nos artistas plásticos presentes. Uma festança. Entre mil beijos, despedimo-nos. Ao despertar, decidi passar na casa de Nelson, para pegar meu aparelho de som. Qual não foi minha surpresa. Sobre a cadeira da sala, uma valise de mão.

- Caramba, ele esqueceu a maleta? - perguntei curiosa à sua sogra.

- Que nada! – contestou sorrindo. - Voltaram do aeroporto.

- Do aeroporto? Mas o que passou?

- Sei lá. Quando acordei, ele dormia. Ainda dorme.

Chamei os trovadores, contei o ocorrido. Impossível, alegavam todos. Pois assim mesmo, não haviam embarcado.

Semana seguinte, nova despedida, menos concorrida, mas divertida igual. A mesma situação: voltaram do aeroporto. Três tentativas. Novas surpresas. "Dessa vez é definitivo. Hoje sim, vamos".

Fui para casa com Vicente Feliú, disposto a me ajudar a encontrar uma rima para um soneto de Vinícius de Moraes. Vivia feliz. Fazia alguns tempo que traduzia os sonetos de nosso poetinha. Difícil, esse delicioso Vinícius. Horas a fio, dedilhava cada verso, mergulhava ávida em cada estrofe, sorvia cada rima. Cada soneto traduzido, uma glória. As lindas rimas carregam a magia do amor de Vicente, de Nicola, de Silvio, de Pablito, de Lázaro de Augusto Blanca, e Sara.

Assim, em cada pedaço da minha amada pátria, estes trovadores amados; amantes fossem no gingado do samba tão bem dançado por Silvio. Na feijoada improvisada temperada pelo Pablo Milanez, nos versos de Nicola – "você me deu um país... me contou as lendas de Corisco e Lampião", majestosamente composto no mais perfeito português. Brasil e Cuba, dois amantes enamorados. Exaustos de cavar uma rima, fomos surpreendidos pelo toque da campainha.

- Quem será, Vicente?

- Sei lá. Não esperamos ninguém.

Diante dos meus olhos, parado, aquele sorriso derramando ternura.

- Vicenteeeeeeeeeeeeeeeeeeee!

- Quê?

- Choco e Nelson voltaram da Jamaica.

Inviável. Choco, às gargalhadas, contava atropeladamente o ocorrido.

Na semana que seguiu, chegaram em Angola dois pintores, deixando para trás análoga sodade. Dois anos se passaram sem que víssemos o sorriso do Chocolate mais famoso dos mares caribenhos e do santiagueiro capaz de fazer arte em uma semente caída despreocupada de uma árvore.

Os sonetos rodopiaram pela off-set antes que as angolanas reproduzissem em suas cabeleiras os desenhos de Choco. Última moda além-mar. "Tranças à la Choco". Curtindo as ondas dialogarem com as pedras, no badalado Malecón corríamos léguas em busca de dois mágicos da pintura contemporânea. Idilistas natos

executávamos tarefas na tão sonhada sociedade do homem novo, com todas as possibilidades que nos *regalava* a revolução.

Silvio e Vicente decidiram passar uns dias no meu apartamento, agora em San Agustin, a alguns pedaços da praia. Precisavam compor. Precisavam do silêncio. Não sei dizer quantas canções nasceram destes dias, com certeza extrapolam o inusitado. Vicente Feliú, além de compor obras eternas, é infinitamente revolucionário. Puro, nobre, amigo, um singular companheiro. Silvio é o tímido mais guerreiro que conheço. Suas canções percorrem um universo sem precedentes. Passou pelas flores, pelos dias, pelo amor, pelo mar, pelas mariposas, pelas sensações, pelos sentimentos, pelos anjos, sobretudo pela vida, e pela amada revolução. Busco na sua obra um detalhe que haja faltado. Não encontro. É aquele amigo que cantou o poeta, que muita gente procura pela vida. Conhece como ninguém minha paixão pelo trovador da Calle San Nicolas. Ri das loucuras de nossas divergências. Diverte-se com nossas brigas bobas e sem sentido. Adora História. Passa horas, analisando e dissertando sobre Fernão Cortez na conquista do México em 1519. “Cortez viveu 15 anos nas Antilhas, onde acumulou grande riqueza, terras e prestígio. Sabia?” E por aí seguia. Astecas, povos nativos, exploração, descaracterização da cultura mexicana, mariposas (símbolo da vida eterna). É capaz de passar horas dedilhando o violão, cantando baixinho músicas brasileiras. Adora Chico, Bethânia, Caetano, Pixinguinha, Villa Lobos. Ama Vinícius, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade. Enamorou-se bem jovem do Brasil.

Pego-me sentada em um bar de Ipanema, perdida nestas longas e deliciosas conversas. Quem pode afirmar que estou em um apartamento a mais oito mil quilômetros das costas do Brasil, se uma guitarra toca um sambacção?

Alberto Juantorena, nas Olimpíadas de Montreal, vence as provas dos 400 e 800 metros. Teófilo Stevenson brilha no boxe. Surge a estrela romena Nadia Comaneci. Aos quatorze anos, surpreende o mundo com sua perfeição, extraordinário talento, técnica primorosa. Primeira nota dez na história da ginástica, em barras assimétricas. Procedentes dos Estados Unidos, cinquenta jovens, levados por seus pais ao princípio da revolução, integram a Brigada “Antonio Maceo” e visitam Cuba pela primeira vez. Aos 88 anos o cineasta, ator e músico, o genial Charles Chaplin, morre. Carlitos, assim denominado por gerações, foi expulso em 52 de seu país de adoção, os EUA, pelo anticomunismo

macartista.

Acerca o fim de ano. Marcello e Edu terão sua animada festa, como acontece há 11 anos.

- Mirian o bolo acaba de chegar – apressa Cary abrindo à porta da Casa de San Lázaro, residência de Reina – a rainha mãe de uma família singular.

Cary, não é um capítulo à parte. É o próprio capítulo dentro dos nossos anos na Cuba de Fidel, exílio regados a sinsontes, e sabiá. É um encontro eternizado. Lembra sempre que me conheceu em 1971, tempos de Hildita. Na memória, surgiu dessas abençoadas tardes com Choco. Namoradinhos? Romance discreto e passageiro. Pode ser. Magrinha, bonita como costuma ser as cubanitas interessada no sedutor, esplendoroso continente ao sul do Equador.

Estudava letras. “Gabriela, cravo e canela” excitava sua curiosidade. Jorge Amado, seu Chico Buarque. Feijão branco, sábados na praça da Catedral, Vinicius, batuques e batucadas, alegrias e tristezas. Cell e Edu. Idas e vindas de San Lázaro a Miramar ou San Agustín muitas águas rolaram. Ganhei uma irmã, uma outra família,

Companheira a toda prova. Gosto da Cary...

Uiiii! Perdida garota. Em que esquina desta cidade?

- Nada, Carlos. Perdi no meu próprio labirinto.

- Acabei meu desenho – põe na parede exigiu Edu.

- Onde está o verde, meu filho?

- Sei lá.

Carlos ajuda aqui este menino – pediu a graciosa Deysi.

Sobe, desce, sobe, desce – esta escada vai me matar um dia. Tantos doces, pinhantas, um vai e vem de papéis.

Ufa! Cary ajuda aqui.

Reina da cozinha preparando - pés de moleque ria do corre corre desnecessário. Festas minha filha... festas... você adoram essa fofoca – como diz a Mirian.

Cheirinho de café. Vou nessa.

Cary, Carlossss!!!! Caramba, esse cara me consome com este sumiço – reclamo.

Crianças agitadas, frenéticas, brincalhonas abarrotavam salas e balcões.

Cell e Edu abrigados de amor e encantamento ancoraram seu aniversário no cais de Havana.

Apesar da agitação do ano, realizações logradas. Os Sonetos de Vinícius de Moraes no prelo.. Inúmeras aulas elaboradas com intenso trabalho, prontas para serem ministradas. No mestrado, surpreendia a todos meus conhecimentos em análise estruturada. Resquícios de Evanildo Bechara. Devia a ele, gramático brasileiro, sui generis, suprema novidade no ensino da língua portuguesa.

Frouxa, tristonha. Sinto uma dor fininha, desembarcando lenta, lembrando a distância que me separa do Rio de Janeiro.

1977, sonolento entrava no túnel do tempo.

*Uno regresa as vece. La importancia  
De volver, no es salvar lo ya vivido,  
Es saber en qué esquina en latido  
Pueden fundirse el tiempo y la distancia.  
El tempo, la memoria, el olvido – Waldo Leyva*



## 1978 – “Año del XI Festival”

*“Escreva sua história na areia da praia  
para que as ondas a levem através dos sete mares  
até tornar-se lenda na boca das estrelas cadentes.*

*Conte sua história ao vento.*

*Cante-a nos bares para os rudes marujos  
aqueles cujos olhos são faróis sujos, sem brilho.*

*escreva no asfalto, com sangue,  
grite bem alto a sua história*

*antes que ela seja varrida na manhã seguinte pelos garis.”*

*Escreva sua História – Claufe Rodrigues<sup>52</sup>*

Um janeiro diferente. Dezenove anos de revolução. Festa de Norte a Sul. Felicitações até da estação orbital Saliut-6. Tempo de felicitar a Universidade de la Habana, uma das primeiras do continente, data de 1728. Prima por sua excelência acadêmica, alto grau científico e pedagógico foi o palco das primeiras demonstrações revolucionárias. Duzentos e cinquenta anos de conhecimentos.

No México, o ditador Ernesto Geisel é recebido sob protestos em sua visita oficial. Preso por pertencer ao esquadrão da morte, imediatamente solto, o torturador Sérgio Fleury retoma suas funções na polícia de São Paulo.

Movimentos discretos iniciam o caminho de volta à democracia. O governo militar de Geisel começa um lento processo de transição. A crise do petróleo e a recessão mundial interferem na economia brasileira. Créditos e empréstimos internacionais diminuem, coincidem com o fim do milagre econômico, a insatisfação popular diante as altas taxas. Geisel anuncia a abertura política lenta, gradual e segura. A oposição política começa a ganhar espaço. Os militares da linha dura, descontentes promovem ataques clandestinos aos membros da esquerda.

Cary fincou suas raízes. Reina a mãezona. Daisy, boneca de porcelana, uma matrioska, a sensual e brejeira Rosalva, sem falar no Carlos, grande parceiro em contendas políticas.

Caridad transpôs as fronteiras baianas, penetrou na casa do Rio Vermelho,

---

<sup>52</sup> Claufe Rodriguez – Poeta -

encontrou Seu Jorge nos seus sonhos de jovem universitária e transformou Gabriela em PHD dos amores.

Se Jorge Amado era na literatura a estrela com “Gabriela, Cravo e Canela” e “Dona Flor e seus dois maridos,” passeando no imaginário dos que curtem a fala portuguesa, Machado de Assis deslumbrava os alunos. Uma nova descoberta.

*“Ainda que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio. Faço-o eu, e a ciência mo agradecerá...” (Memórias póstumas de Brás Cuba).*

Fora os literatos, falar do Brasil, passar as manhãs em português agasalhava minha saudade. Podia aproveitar para lhes informar as notícias da terrinha: dos *desmandos* da ditadura, como a prisão de 11 professores acusados de praticar o marxismo na escola primária, do protesto em várias cidades no décimo Aniversário da morte de Edson Luiz, o estudante assassinado quando almoçava no restaurante estudantil “Calabouço”. Sua morte desencadeou uma repressão acirrada, levando milhares de estudantes e profissionais às prisões, no ano de 1968.

Pelas manhãs, o Brasil rolava solto nas aulas da Faculdade de Idiomas Estrangeiros. À noite, na praça do Teatro Amadeo Roldan, artistas plásticos, trovadores e poetas se agrupavam ao povo para dar início aos trabalhos para o *XI Festival da Juventude e estudantes*. Durante a semana, a população, junto aos pintores, elaborava os cenários usados nos sábados no palco do teatro. Apareciam poetas de todas as gerações, profissionais ou não. De Garcia Marques a Fernando Retamar. De estudantes a diplomatas. Ainda soam em nossos ouvidos os poemas do sacerdote e poeta nicaraguense Ernesto Cardenal, recém-recebido pelo Comandante.

*“La persona  
más próxima  
a mí  
eres tú  
a la que  
sin embargo  
no veo  
hace tanto tiempo  
Más que en sueños”*

No Parque Almendarez, a voz de Sílvio Rodriguez e Noel Nicola em “Cuba Va”, de Pablo Milanés, Sara González, Virulo, o Grupos Moncadas, e os Manguarés. Por entre as árvores centenárias, cruzavam o rio, espalhavam no

mar seus cantos de luta e de paz. Por toda a Ilha, em alguma praça, um trovador ou poeta estendia o movimento nascido na Capital. Cuba, embora sempre tenha sido o som maior do Caribe, agora era um pouco mais: era Cuba da felicidade.

O III Frente Oriental Frank País estava em festa. Vinte anos haviam passado desde que aqueles jovens guerrilheiros ousaram libertar o povo cubano do jugo tirano de Batista. Vinte anos de luta na construção de uma sociedade. Estar ali, em Mayari Arriba, em plena Sierra Maestra, com o Comandante, Raúl Castro, Juan Almeida e José Machado Ventura, transcendia meus desejos. Enterrar os restos mortais dos companheiros caídos nas batalhas, na época da guerra, estremecia minhas vísceras. Como agradecer à vida esta ventura? Por lá fiquei, em companhia do Comandante Pancho, por mais uns dias de aprendizado com àqueles que ajudaram a montar esta emocionante história de coragem, de luta, de desprendimento, de amor à pátria. Acredito que, somente em Cuba, somos capazes de viver tão fortes emoções, de contracenar com a História viva e vivida.

Acordar aquele abril a primeira derrota do imperialismo em terras cubanas é vital. Que classe de derrota! Fidel, à frente do batalhão, expulsou todos os mercenários em menos de setenta e duas horas. Girón, cantada e decantada em todas as demonstrações da arte. Seja o Girón Rodriguiano, o Girón de Sara, o Girón em todas as facetas da poesia, seja nas lembranças de Fidel.

*..“O fato de que Playa Girón estivesse em nossas mãos 66 horas depois que os exploradores da força invasora tocassem as costas da nossa Pátria, demonstra o vigor do fulminante contra-ataque a que foram submetidos. Lutou-se sem cessar dia e noite, sem um só minuto de trégua. A três milhas da costa, uma forte esquadra norte-americana, que incluía porta-aviões e infantaria de Marinha, pronta para intervir, observava o desenvolvimento da contra-ofensiva revolucionária, a tal ritmo que, se recebia a ordem de agir, já não havia força invasora que apoiar, nem pista segura onde um governo fantoche pudesse aterrar”..*

Assim se lutou em Playa Girón. Assim lutaria agora este povo se preciso fosse. Girón, um exemplo de luta para toda América Latina.

Como no início de 1970, o mundo entrava em convulsão. O luto cobriu as ruas da Itália quando o cadáver de Aldo Moro apareceu num Renault, no centro de Roma. A Itália parou, chocada com a violência, em manifestações unindo todas as tendências políticas. Em São Bernardo do Campo, dois mil e quinhentos

metalúrgicos, liderados por Luiz Inácio da Silva – o Lula, iniciam a primeira greve de trabalhadores do país depois do AI 5. *“O trabalhador não tem nada mais a perder, porque perdeu até a esperança no diálogo. Agora, sim, haverá o verdadeiro diálogo. Para que ele exista, as máquinas precisam parar”* disse o Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. Vários políticos da oposição apóiam o movimento, inclusive o candidato a senador Fernando Henrique Cardoso.

No Rio de Janeiro, o Museu de Arte Moderna, arde em chamas mais de quarenta minutos, perdendo obras de valor inestimável. Dois Picasso e dois Miró. Não há dinheiro que substitua esta tragédia.

Julho aponta no horizonte cheio de novidades. Nasce Louise na Inglaterra, primeiro bebê de proveta. Desde os primórdios da humanidade, a reprodução humana dependia do ato sexual. Com Louise Brown, a esperança de poder gerar um ser humano criou uma enorme expectativa em milhares de mulheres estéreis, apontando inúmeros desdobramentos para a genética. Hung, doce endocrinologista, vibrava com a novidade. Sua paixão pela genética era visível.

A Ilha respira festival. Inaugurações, vernissages, lançamentos de livros. Ato pelo XXV aniversário do Assalto ao Quartel Moncada em Santiago de Cuba.

Começa o Festival da Juventude e dos estudantes. O mundo se fez presente nas ruas de Havana.

Entre tantos, Maninho aparece no meio da multidão, corre para nossos braços. Quanto tempo estivemos assim, apenas o tempo sabe. Que saudade, gente! Quanto contentamento! Marcello e Eduardo o abraçavam tão apertado, sufocando sua voz. Entre beijos e lágrimas, perdemos a noção do tempo. Se é que tempo existe. Se é que tempo tem noção. Falamos toda a madrugada, toda a manhã, caímos dormindo uns sobre os outros como nos velhos tempos. Por este encontro não esperávamos.

Sucesso total este maravilhoso encontro de jovens, comprometidos com as mudanças, com o desejo de se ter um futuro. Deixou uma murrinha danada, mas Augusto chegaria. Grandes noites, felizes dias estavam reservados.

Augusto Blanca, anjo encantado, ia gravar o seu disco. Dias de trabalho árduo. Primeiro os arranjos, logo colocar a voz, depois mixar. Trabalhava sem parar. Chegava tarde, exausto, mas com disposição para pegar a guitarra e encher o quarteirão de música.

Cantarolava desafinada, mas cantarolava. Augusto é doce como a ternura, seu interior tem a beleza de um campo de girassóis, sua voz é a mensageira da

ventura. Adoro tudo neste filho de Banés. Um dos maiores poetas/trovadores de Cuba. Suas músicas vão do amor à vida, aos sentimentos pátrios, à sua adoração pela meninada, aos vaga-lumes que iluminam os caminhos. Da pequena boliviana sem mar, ao menino guerrilheiro nicaraguense, dos garotos brasileiros, ao filho venerado. Conheci Augusto há séculos atrás. Sou seu *solecito*. Ele é o meu sol maior, na escala musical e no astro rei. Rosy, sua companheira, é a sua Rosa. Paixão à primeira vista. Rosy, minha irmã querida, aquela que a gente encontra pela vida e não perde jamais. Nutrimos uma sincera cumplicidade. Conhecemos nossas dores, compartilhamos imensas alegrias. Choramos e rimos juntas. São minha família santiaguera. Eu, sua Mirian – a brasileira, o elo abaixo do Equador. Nasci no continente, eles, na ilha, juntos formamos um lindo país. Amo Cuba, os dois, o Brasil. Isto porque nem citei a Consuelo - a mãe de Rosy, Raulito - nosso pequeno príncipe viver em um asteróide, como costuma dizer. Luisito, meu filhote cubano, metade Augusto e metade Rosy, mas com uma sabedoria e vontade, particularmente próprias. Consuelo é uma bola de algodão doce.

- Um cafezinho. Quer Mirian?

- Quero. Com pouco açúcar.

- Para fumar um Popular? Cigarro faz mal à saúde. Cada maço traz a observação. “*Fumar daña la salud*” – dizia séria.

Ah! Consuelo. Acostumei com a mensagem e passo de largo. Um dia vou deixar de fumar. Sem data. Sem hora marcada. Vou deixar, um dia...

Motivos à parte, Santiago entrava no roteiro. Pretexto para estar com eles, curtir a cidade musical. Comer um bom assado, um congri, bater papo gostoso até às tantas. Êta! Coisa boa ir a Santiago de Cuba. Terra de heróis. De Frank País. De Antonio Maceo. De Almeida. Da Sierra Maestra. Do glorioso Comandante Pancho. De Mayari abaixo e acima. De colher café, comer uvas em pleno Caribe. Do carnaval, do balde cheinho de cerveja tomada ladeira acima ao som de uma conga.

Na primeira viagem, fui encontrar Nicola. Hospedaria-me em casa de Augusto e Rosy. Os dois loucos varridos, por não terem tinta pra pintar a *barbacoa*, colaram todas as cartas de amor que trocaram na adolescência nas paredes, formando o mais lindo painel de amor já visto. Por estas e tantas outras que nem Nicola nem eu nem a própria vida apagaremos estas lembranças.

- Alguém conhece outra forma de querê-los?

O disco saiu lindo. Arranjos espetaculares e, de quebra, uma obra-prima

dedicada a mim, “No olviste una vez que fuiste sol”:

*“...Y ve, calmale la sed a tus enormes prados  
no permitas que se pierda tu cosecha  
hoy que hasta la lluvia fiel no te ha escuchado  
y busca tu raiz  
Y dale la caricia a la que siempre espera  
la única manera de hacerla que vuelva  
a ofrecerte frutos hasta en el invierno  
y no olvides que una vez, tu fuiste sol  
Y ve, desata esos diques de corrientes presas  
déjate llevar y vuelve a ser jinete  
baja hasta tus valles de palomas sueltas  
que este es tu país  
Dónde están tus riendas  
donde esta tu espuma  
donde abandonaste tu camino entonces  
donde naufragaste haz crecer mil rosas,  
y no olvides que una vez tu fuiste sol...”<sup>53</sup>*

“No olvides” é um hino para os que um dia deixaram sua pátria e encontraram no coração dos cubanos um refúgio. Sabe tudo, este filho da poesia.

A casa vivia dias de agito geral. Augusto com seu disco. Luz Maria Montiel, antropóloga mexicana, hospedada conosco estudaria o candomblé em Cuba.

*“Quiero decir -agrega con pasión- que lo fascinante del caso es que, sin importar el color de la piel, la africanía es una raíz que los mexicanos no conocemos, pero que está en el México profundo de Guillermo Bonfil y, por lo tanto, en la cultura nacional. La africanía de México está en la religión y la magia; en el gusto por los colores y su aplicación en el decorado de casas, templos y palacios; en las formas de cocinar, la música y el baile; en el habla popular: los refranes, las leyendas, la tradición oral; en la medicina tradicional y el conocimiento ecológico... signos todos de una africanización del indígena y una indianización del negro...”*

Luz Maria, chegada de Paris direto para Havana passaria em nosso apartamento um mês buscando os elos de ligação entre as nações iorubás e os

---

<sup>53</sup> Augusto Blanca – “No olviste una vez que fuiste sol” - “No olviste una vez que fuiste sol” Cantautor – Banes – Santiago de Cuba - \* Esta canção composta para a autora do livro. É um hino de amor e Liberdade em toda a América Latina.

negros vindos da África na época da colonização. As crianças de férias esperavam todos os dias ansiosos a chegada da nossa antropóloga. Conversavam por horas sorbiam do seu saber ávidos. Nos primeiros dias, fomos para Regla descobrir casas de santeria. Desconhecia este mundo.

Certa feita, fora com Glen visitar um santeiro supostamente famoso no intuito de desbravar raízes africanas.

- Não podemos atendê-los – desconversou a senhora que atendeu à porta.

- Viemos de longe – insistiu com todo charme Glen.

- Impossível.

- Atenderei a de cabelo grisalhos – ressou pelo corredor uma voz gutural.

- Desculpem. Um deus negro depara defronte de nossos olhos maravilhados. Atarantados, mudos defronte daquela miragem. Lindo. Cabelos grisalhos, metro e noventa de altura, magro beirando os noventa anos, mirada serena nos conduziu a uma pequena sala pediu delicadamente que me acomodasse e numa linguagem onde mesclava espanhol com o dialeto africano ia explicando razões de sua atitude.

- Você é filha do Rei. Vem de um país verde, terra dos meus irmãos, quase balbuciava as palavras. Encabulada seguia cada explicação como uma oração. Como podia aquele senhor perdido em Guanabacoa saber tanto de mim. Como? Filha do Rei? Algum equívoco. Anos, muitos anos passaram para que fosse decifrado o mistério de suas palavras.

Arcádio, o santeiro de Guanabacoa podia ser a chave. O caminho para Luz Maria conquistar. Assim foi.

Anos, muitos anos passaram para que fosse decifrado o mistério de suas palavras. Sou filha de Xangô.

Em Nicarágua, a Frente Sandinista crescia vertiginosamente. Apoio total da população. A tomada do prédio do Congresso com novecentos reféns reafirmava o avanço da luta. Em vão, brasileiros de Havana tentaram ir para a frente de batalha.

Nada impede que em Cuba tudo seja uma grande festa, apesar do trabalho duro, das necessidades, do bloqueio. Transformar um motivo em festa é para principiantes. Uma cervejinha e uns tostones davam um samba daqueles.

O filho da Helena, romena que lecionava na Faculdade de Línguas, festejava

aniversário e nós as vitórias nicaragüenses. Como tudo começa e termina em samba, mesmo no berço do bolero, Beth Carvalho<sup>54</sup> despejava alegria com a Goiabada Cascão:

*... "Goiabada-cascão, em caixa  
É coisa fina sinhá  
Que ninguém mais acha  
Rango de fogão de lenha  
Na festa da Penha  
Comido com a mão  
Já não tem na praça  
Mas como era bom  
Hoje só tem misto-quente  
Só tem milk-shake  
Só tapeação  
Já não tem mais caixa  
De goiabada-cascão ..."<sup>55</sup>*

Sambando sem parar, deparei-me com aqueles olhos. A batida do samba sufoca. Alucina. Tentei puxá-lo para dançar. Tímido, esquivou-se querendo vir. Dias passaram. Já soavam vinte e três horas, quando a campainha tocou.

- Estranho! À esta hora?

De frente, pedindo mil desculpas, Jacinto com o rapaz da festa.

- Alguma novidade?

- Nenhuma.

- Rui Lopes, muito prazer.

- Veio estudar. É fotógrafo e dos bons. Ganhou o prêmio Lênin de fotografia ano passado. Queria ver a brasileira, e aqui estamos – argumentou Jacinto.

- Já ia dormir?

- Estava lendo um pouco. Amanhã dou aula na parte da manhã. São bem vindos.

Como furacão, Rui cruzou a sala, pegou um livro na estante e de supetão soltou:

- Este livro é meu.

- Nunca. Veio de Luanda. Os meninos trouxeram para completar minhas gramáticas.

- Viu? Rui Paulo Lopes Ferreira – Lisboa 1972.

---

<sup>54</sup> Beth Carvalho – Compositora interprete – Considerada uma das melhores sambistas do Brasil.

<sup>55</sup> Nei Lopes – Compositor - Brasileiro



Pasma, reli na parte interior. Nítido e firme, seu nome escrito, muito bem escrito, à caneta.

Jacinto se calou. Olhei. Pensei e afirmei as coincidências pelas quais atravesso nos duzentos e cinquenta e seis caminhos que escolhi para percorrer.

Rui Paulo Lopes, vinte anos de pura alegria. Inteligente, culto, lido, tímido, brincalhão, Ele apenas retornou. Em 1970, no Hotel Nacional, Cell e Edu aprenderam a nadar com ele. “*Vaya casualidad*” - diría Nelson Dominguez. Vivemos todos os possíveis.

Ávidos de notícias, antes de sair para trabalhar, líamos o Jornal do Brasil, trazido religiosamente pelos companheiros do departamento de América. Estampada uma linda manchete: - “*Criado em São Paulo o Comitê Brasileiro pela Anistia*”. Em poucos meses, formavam-se comitês na maioria dos Estados, em cidades, bairros, escolas, categorias profissionais. A luta pela anistia entra em ritmo de campanha.

A Justiça Federal de SP responsabiliza a União pela morte do jornalista Wladimir Herzog em uma cela do DOI-Codi.

Paralelo à alegria de uma possibilidade de retorno à patriazinha, a Operação Condor seqüestra dois jovens uruguaiois - Universindo Díaz e Lilian Celiberti, em Porto Alegre. Parecia dizer “*aqui estamos, vigiando noite e dia*”.

Domingo, depois do almoço, começavam os preparativos para a ida à Escola. Primeiro Marcello, que pegava a *guagua* na *Calle de los Presidentes*, quase em frente à Casa das Américas – templo da cultura latino-americana. Victor Jara, Joan Manuel Serrat, Chico Buarque e Gabo, assim, carinhosamente apelidado, Garcia Márquez, foram alguns dos que passaram pela Casa. Lançamentos de livros, shows imperdíveis, marcados sempre na memória, saraus, todos assinalados pelo objetivo maior: a união das culturas.

Depois, já entrada a noite, Eduardito entrava na beca. Como passavam a semana internados, geralmente, deixava para fazer as compras nas sextas-feiras, guardando para o fim de semana todas as melhores e possíveis guloseimas. Este domingo não fora diferente. Pouca coisa sobrara para durante a semana, dias em que, comumente, comia ou na rua ou na casa de amigos.

Pela TV veio a notícia: “*Todos devem permanecer em suas casas.*” A Defesa Civil está tomando as medidas pertinentes. Um furacão se aproxima de Cuba. Deve passar pelas costas de Pinar del Rio.”

- Virgem Santa! Domingo de tarde, supermercado fechado. Como vou fazer?

- Mãe, que máximo. Veremos um *ciclón*.

- Sem tonteiras, Marcello. Furacão é coisa séria. Ainda não existem equipamentos modernos para detectar todas as posições de vento, mudanças de velocidade. Vou falar com o pessoal do CDR. Saber das providências que devemos tomar. Porque tudo isto, sim, é uma tremenda novidade.

Meia hora depois, Rui entra esbaforido. Ouvira a notícia e saiu correndo para compartilhar conosco esta situação inesperada.

- Estou ferrada! Imagina. Com pouquíssimo para comer e os mercados fechados, passam das quatorze horas.

- Tentarei conseguir alguma coisa – saiu apressado. - Calma, pessoal.

Voltou com uma lata de biscoito de água de uns cinco quilos.

- Não havia mais nada. Esta mania que vocês têm de não ver TV, em algumas circunstâncias pode ser fatal.

Duas horas mais tarde, a chuva caía, jorrava dos céus aos borbotões. Com a TV ligada, ainda foi possível ver as recomendações do Serviço de Meteorologia e Defesa Civil.

Somente as áreas de risco seriam desalojadas. O locutor ia enumerando as localidades, todas distantes do lugar onde morávamos. “Reservem água. A luz será cortada até às vinte horas, devido às fortes rajadas de vento. Outras providências serão avisadas pelos Comitês de Defesa da Revolução”.

De pronto, a televisão saiu do ar. A fúria do vento açoitava as janelas.

Pulamos os quatro na cama. Entre risos e um medo atroz, fomos nos adaptando a oito dias sem luz, janelas fechadas, água escassa, biscoito com leite condensado e, por vezes arroz.

- Vamos fazer arroz?

- Daquele que só você sabe?

- Que delícia! - levantaram correndo Marcello e Eduardo.

- Eu não. Quem ensinou foi o Consuegra, o Comandante da Cubana de Aviação. Quer aprender? Quer?

*A ver...*

*Lave dois copos de arroz.*

*Coloque na panela de pressão duas colheres de óleo e o arroz, e alho se quiser.*

*Pode ser outra coisa, por exemplo, em vez do alho, cebola ou louro.*

*Com o fogo baixinho, vá fritando até ficar com cheiro de pipoca.  
Coloque sal e dois copos de água.  
Atenção!  
Sempre tem que ser a mesma quantidade de arroz e de água.  
Entendeu?  
Tampe a panela.  
Deixe pegar pressão.  
Abaixe o fogo e cozinhe por 9 minutos.  
Pronto.  
Não existe melhor arroz no mundo!*

A comida já estava no final quando tudo voltou a normalidade. Todas as histórias, havidas e por haver, foram contadas. Todas as piadas, incluindo diversas nacionalidades, desfilaram risos pela sala, cozinha e quartos.

Em Pinar del Rio, o furacão destruiu milhares de pés de fumo. Uma colheita que traria excelentes divisas para o país fora água abaixo. Começar de novo era a palavra de ordem. Começar de novo: inevitável.

Uma tragédia abala os últimos dias do ano. Jim Jones, da seita americana Templo do Povo, prepara um suicídio coletivo em Jonestown, na Guiana. Ultrapassou as novecentas vítimas o envenenamento. Uma mistura de suco de laranja com cianureto. Os que se recusaram a beber veneno foram assassinados.

Jim Jones, que vivera oito meses em Belo Horizonte, entre 1962 e 1963, se mudou com seus adeptos para a Guiana, em 1977, com a aprovação do governo local, depois das primeiras denúncias contra a seita por ex-adeptos.

As notícias aumentam com a proximidade do fim de ano. No Brasil, o Movimento Negro elege a data da morte de Zumbi como o Dia Nacional da Consciência Negra. O Ministro da Justiça suprime a censura prévia dos comerciais de rádio e televisão. O Diário de Pernambuco publica a lista de setenta e oito torturadores de PE, feita por presos políticos. No último dia do ano, após dez anos de arbítrio Geisel revoga o AI 5 e extingue as penas de morte, prisão perpétua e banimento. A Assembléia Nacional do Poder Popular escolhe “*Año 20 de la Victoria*” para 1979. O poder Popular decide felicitar seu guia e principal artífice desta vitória. Comandante em Chefe Fidel Castro Ruz.

Os 15 e 17 foram de festa como nos anos anteriores. Desta vez, em casa de Nelson Herrera, o poeta. Tínhamos um acordo. Sempre que possível festejaríamos na casa de algum companheiro. Carnaval preparado com esmero, todos compareceram em peso. Pintores, trovadores, poetas, amigos íntimos ou não. Chilenos poucos os que haviam ficado na ilha. Alguns brasileiros

pouquíssimos. Incluindo o sempre presente Reinaldo. O famoso Zé do Boné. Amanheceu com Martinho da Vila:

Em casa, um bom Porto e um fado à la Chico Buarque. Terminamos felizes 1978 com esperança antecipada de regresso.

*Acuérdate de mí cuando el otoño  
le dé paso a la primavera;  
acuérdate de mí si el pensamiento  
te libra del amor que te sujeta.  
Acuérdate de mí, no me abandones  
tan solo, que este abril me desespera;  
no olvides que el amor vuela de noche  
y anida en otro abril cualquiera.  
Acuerdate de Abril – Amaury Perez<sup>56</sup>*

---

<sup>56</sup> Amaury Perez – cantautor. Havana - Cuba

## 1979 – “Año 20 de la Victoria”

*Quero rever-te, pátria minha, e para  
Rever-te me esqueci de tudo.  
Fui cego, estropiado, surdo, mudo  
Vi minha humilde morte cara a cara  
Rasguei poemas, mulheres, horizontes  
Fiquei simples, sem fontes”  
Vinícius de Moraes<sup>57</sup>*

O País iniciou o ano todo comemorações. Vinte anos de conquistas. Hospitais modernos surgiam a cada mês, escolas no campo equipadas com o que havia de mais moderno, duzentas toneladas de peixes e mariscos para o mercado interno e externo. Livre de analfabetismo. Meta do Primeiro Grau cumprida. Controle do câncer uterino, através da campanha de exames citológicos anuais. Zero de mortalidade infantil. Infecção hospitalar - palavra desconhecida. Sem sombra de dúvidas, uma suprema vitória. Ninguém como o povo cubano soube “*transformar o revés em Vitória*”, como pedira Fidel, no início de 1970.

No Brasil, cento e sessenta metalúrgicos fazem greve geral, o governo intervém, mas a greve continua. Professores entram em greve e a CNBB aprova o apelo dos bispos pela anistia. No Congresso Metalúrgico, em Lins, São Paulo, é aprovada a criação de um Partido dos Trabalhadores. O PT é um partido formado por intelectuais, operários, artistas, sociólogos, economistas. “*A estrela no peito. O Brasil no coração,*” com este slogan conquistou adeptos em todo o país. Seu símbolo uma estrela vermelha de cinco pontas marcada com a sigla PT em branco.

*.... que este partido seja de todos os trabalhadores da cidade e do campo, sem patrões, um partido que seja regido por uma democracia interna, respeite a democracia operária, pois só com um amplo debate sobre todas as questões, com todos os militantes, é que se chegará à conclusão do que fazer e como fazer. Não um partido eleitoreiro, que simplesmente eleja representantes na*

---

<sup>57</sup> Vinícius de Moraes – Compositor, interprete, poeta por excelência, diplomata. Um dos maiores nomes da Bossa Nova.

*Assembléia, Câmara e Senado, mas que, além disso e principalmente, seja um partido que funcione do primeiro ao último dia do ano, todos os anos, que organize e mobilize todos os trabalhadores na luta por suas reivindicações e pela construção de uma sociedade justa, sem explorados e exploradores;...*

*Resolução do IX Congresso dos Trabalhadores Metalúrgicos, Mecânicos e de Material Elétrico do Estado de São Paulo, na cidade. Aprovada em 24 de janeiro de 1979. Lins (SP).*

Assim como o PT outros Partidos foram surgindo no exílio como PDT – Partido Democrático Brasileiro, fundado pelo ex- governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola. O Brasil ia tomando um caminho de organização política, com a finalidade de dar fim à era ditatorial.

A rua onde está situada a Faculdade de Línguas, impressiona pelas árvores frondosas formando na sua extensão um túnel verde, que ameniza o calor abrasante e clareia os sentimentos. Absorta, percorro a distância entre casa e trabalho. Por vezes, Ifrain freia seu fusca bem juntinho, em um sorriso largo e companheiro. Colocamos em dia as notícias da Ilha, do Brasil e do mundo. Ulisses Estrada aparece da mesma forma, sempre um prenúncio de felicidade. Julian, em outra atividade, já não atende às famílias de companheiros na guerra, muitos retornaram e suas famílias estão estabilizadas. Adoramo-nos, anos de cumplicidade, de amor e entrega total à Revolução.

- Aonde vai hoje à tarde?Podemos ir a algum lugar. Queres? - questiona Rui.

- Vou à casa da Argélia saber de Maria e Raulito. Quem sabe tem suco de mamey. Depois vou a uma exposição. Te vejo amanhã.

Na época da chegada de Cristóvão Colombo o Mamey aparentemente crescia na Jamaica, Puerto Rico e Antilhas Menores. Provavelmente, foi transportada pelos índios Arawak para outras regiões. Árvore sempre verde, tem flores masculinas, femininas e bissexuais. Seu fruto é arredondado, com casca grossa e polpa amarelada, macia e doce. Mais parece um manjar dos deuses. Seus frutos são anuais, o que nos leva a aproveitar a ocasião a todo custo.

Argélia, a mãe de todos, terníssima, atenciosa, tem uma família especial. Silvio, o poeta deste e dos próximos séculos, nasceu de seu ventre. Maria de los Angeles, uma linda jornalista de cabelos negros, casou com o Raulito, último

embaixador no Brasil antes do golpe militar em 1964, elo forte com a minha pátria.

“O mérito é da revolução Cubana que eu represento. Não é meu, e sim da Revolução Cubana, que represento”, costumava dizer Raúl Roa García, exemplo de homem modesto, sensível e mormente simples. Raulito Roa traz nas veias está simplicidade do pai, o mesmo carisma, uma capacidade impecável com um elemento a mais: toca tumbadora, cultua o samba, venera Vinícius de Moraes, é amigo de noitadas cariocas, respeita Jorge Amado, curte Copacabana. Hoje, representa Cuba perante as Nações Unidas.

Sai tarde da casa de Argélia e, quando cheguei ao Pabellón de Cuba, para a inauguração da exposição do XX Aniversário dos Órgãos de Segurança do Estado, o General José Abrantes terminava o discurso. Josefina, amiga de longa data, feliz, andava de um lado a outro, garantindo o sucesso do evento. Ramiro Valdez – o Comandante da Revolução – como sempre, simpático, presidia a sessão.

Josefina, mãe de Guillermo – quando eles estão na adolescência perdemos a personalidade e nos transformamos na “mãe de”. Mirian – mãe de Marcello e Eduardo. Abrantes – pai de Ricardo. Assim por diante. Josefina é uma belíssima mulher. Alta, esguia, cabelos negros, pele alva, voz serena, esconde uma guerrilheira do dia-a-dia. Bem cedo começa seu dia. Trabalha com Abrantes, mas sem hora para terminar. Guillermo, Marcello e Ricardo estão na mesma turma. São disciplinados e atentos. Pudera, com Alida de diretora. A generala da Batalla de Jigue. Não permite nada fora da ordem estabelecida.

- Podem namorar. Mas nada de engravidar – sentenciana.

- Podem trazer sanduíches, desde que sejam trezentos e vinte quatro. Aqui tenho este número de alunos. Bem alimentados, sadios, fortes, sem anemia, nem gripe estes garotos pegam. Se querem, tragam, - voltava a afirmar.

- Detalhe importante. Não quero só mulheres nestas reuniões de pais. Não importa que cargo ocupem, os pais são indispensáveis.

Dura de roer esta Alida, excelente educadora.

Vira e mexe um príncipe africano, ministros, e embaixadores apareciam nas reuniões mensais para tomar conhecimento do andamento escolar e emocional de seus adolescentes.

Francamente. Podíamos trabalhar e dormir em paz. Alida velava os sonhos e o sono de nossos filhos.

Em 19 de junho de 1979, a Frente Sandinista de Libertação Nacional na Nicarágua, através de uma insurreição popular, derrota a sanguinária ditadura

de Anastasio Somoza, que foge para os Estados Unidos, deixando um rastro de mais de vinte mil mortos. Os sandinistas adotaram este nome em homenagem a Augusto César Sandino, guerrilheiro que se opôs firmemente à intervenção americana. A prioridade da revolução sandinista seria a educação. Somente através da educação e da resistência cultural é possível preservar a soberania nacional. Uma nova era começava para o povo nicaraguense.

Julho entrou trazendo raras alegrias. João Figueiredo, o atual ditador de turno no Brasil, cede aos poucos a pressão popular nacional e internacional. É realizado, em Salvador, o Trigésimo Primeiro Congresso da UNE. O primeiro desde a prisão em Ibiúna, em 1968. Leonel Brizola se reúne com brasileiros em Lisboa, com a finalidade de abrir uma frente de luta no Brasil. Muitos aderiram, possibilitando a criação do Partido Democrático Brasileiro. Alguns exilados retornam ao país e não depõem na Polícia Federal. Durante 23 dias, prisioneiros políticos fazem greve de fome contra a anistia limitada.

Tempo de férias no Caribe. Eduardo deveria ir à escola Lênin. A média para frequentar a Lênin era acima de 98,5, quer dizer: média geral da primeira à sexta série, ocasião em que inicia a Secundária. Problema geral. Edu não queria ir à escola Lênin e sim para a Batalha de Jigue. A Escola Wladimir Lênin é a primeira do país criada especificamente para os alunos de toda a Ilha que, durante o curso primário, alcançassem a mais alta média. Edu ficara em terceiro lugar. A Batalha de Jigue, também disputada por muitos, ocupava naquela época o segundo lugar de melhor escola de Cuba.

*"Hace varios años nuestro pueblo viene realizando un enorme esfuerzo en construcciones escolares. En cada nuevo curso escolar se abren 80 000 nuevas capacidades aproximadamente para estudiantes becados de nivel medio. Nuestra concepción educacional se basa en el principio marxista y martiano de la combinación del estudio y el trabajo. Hoy construimos escuelas secundarias básicas e institutos preuniversitarios en el campo, donde los alumnos laboran tres horas diarias en planes agrícolas; escuelas politécnicas e institutos tecnológicos junto a las fábricas, donde los estudiantes trabajan cuatro horas al día en los talleres industriales, y escuelas de maestros de primaria en todas las regiones del país, donde los jóvenes que se forman como maestros realizan su práctica docente enseñando en las escuelas. También desarrollamos las universidades, donde se aplica igualmente el principio del estudio y el trabajo, participando los alumnos 20 horas semanales en actividades productivas. Esta escuela que inauguramos hoy, es del tipo que llamamos vocacional. En ella*



*ingresan los alumnos mediante selección rigurosa, basada en las altas calificaciones que obtengan en la enseñanza primaria y en su expediente escolar. En el país existirán siete escuelas de este tipo, donde estudiarán en total 25 000 alumnos. Actualmente se inicia la construcción de una en Las Villas, otra en Camagüey y otra en Oriente. Llevarán los nombres de: Lenin, Marx, Engels, Martí, Maceo, Gómez y el Che”*

As escolas vocacionais, tais como as escolas no campo, são o orgulho da revolução. Arquitetura impecável, limpas, cheirosas, com toda a tecnologia à disposição dos alunos, parecem hotéis cinco estrelas. A primeira vez que estive na Batalha de Jigue cheguei às lágrimas. Um por ter meu filho estudando em condições tão maravilhosas, outra de alegria, comemorando a vitória deste povo capaz de tudo para dar conhecimento, ética e, principalmente, dignidade à sociedade.

- Alida, tenho um problema. Um super problema. Eduardo ,o irmão do Marcello, não quer ir para Escola Vocacional Lenin.

- O que você me disse? Esse menino não quer a Lenin?

- Não. Quer ficar aqui junto com seu *manito*. Temos que entendê-lo. Somos nós três. Embora os amigos de turma, os companheiros. Mas, somos três. Exilados. Sem Pátria. Compreendo o Edu. Os anos lindos e por muitas vezes felizes estão permeados de uma insegurança terrível. Como será o amanhã? Já tive por diversas vezes internada. Um é esteio do outro. Sei que é complicado aceitar. Mas, assim é.

- Tenho excesso de alunos. Não vejo nenhuma possibilidade.

Eduardo era preciso: “Fico sem estudar”.

- Meu filho, aqui ninguém fica sem ir à escola! Vamos para a Lenin, querido. Último dia de matrícula e nada. Edu decepcionado. Eu enlouquecida.

- Fiquem em casa. Arrumem tudo. Vou à Batalha de Jigue. Não regresso sem uma resposta definitiva.

Decidi sair da Batalha de Jigue somente quando Alida cedesse. Assim foi. Era noite quando cheguei de Havana.

- Ainda aí? – perguntou encabulada.

- Até conseguir uma vaga – afirmiei.

- Tudo bem. Pode trazê-lo. Verei o que posso fazer.

Era quase madrugada quando cheguei em casa. Feliz e triste. Antes, Edu chegava às sextas-feiras, conversávamos horas a fio. No sábado, pela manhã,

preparávamo-nos para a chegada do Marcello. Chorei quase toda a noite. Santo Antonio de los Baños era distante, não tão quanto uma cidade brasileira da outra, mas o suficiente para me matar de saudades. Antes, eles estudavam em Miramar. Era bater a vontade de abraçá-los um pouquinho de saudades e lá estava eu beijando meus pimpolhos, entre um trabalho e outro. Teria que aprender a viver sem as crianças durante a semana. Uma missão difícil. Chorei quase toda a noite.

- Quem é? - abri a porta semi dormida.

- Ifrain, companheira. Andou chorando? Os olhos estão inchados. Que passou? E o colégio resolvido?

Abraçou-me. Vai passar. Ifrain entendia o quanto era difícil viver longe da terra amada. Do seu alicerce. Do seu chão.

- A injeção. Vamos nessa, garota. Faltam poucas e está infecção urinária já era – aplicando o antibiótico. - Viu? Não me custou nada vir pelas manhãs tão cedo, menos mal que o hospital liberou as ampolas para que eu injetasse. Este antibiótico é italiano e só pode ser usado nos centros hospitalares.

- Sei disso. O diretor foi muito compreensivo.

- Sem choro! Amanhã de manhã estou de volta.

Ah! Ifrain. *Sabe Deus*, que horas você foi deitar ontem. Como explicar tanto dedicação, tanta solidariedade? Somente um homem novo, mesmo que o mais velho estivesse fazendo um grande esforço para mudar valores. Este é um deles. Imprescindível.

- Vamos ao cinema. Depois à Havana Velha comprar charutos e um vinho no Hotel Sevilla. Depois vamos caminhar pelo malecón e depois a dormir. Amanhã tens provas a corrigir? Não tens?

- Muitas.

- Suas aulas foram boas? E a beca?

- Igual. Ficar longe de você dói um bocado.

- Dói nada. Uma noite que outra não vai tirar pedaço, pois. - brinquei arrasando um português lisboense.

- Agora falas português, gaja?

- Sempre falei, ora ora. Esqueceu que sou neta direta de portuguesas da família Cunha Lima dos Guimarães?

- Dormiste bem. Algo mal. Tenho uma angústia. As crianças voltam de manhã. Aula mesmo só no dia 03 de setembro.

- Não há de ser nada. É saudade! É sodade, como dizem os africanos.

Julian chegou tão pronto Rui havia saído. Havia um código: amores amores,

companheiros à parte.

- Vim rápido, assim que soube.

- Soube o quê?

Ifraim, retardatário, entrava atropelando cadeiras.

- Ora bolas! Chegou primeiro?

Pela cara dos dois, algo de bom havia passado. Algo muito significativo.

- Os Estados Unidos levantaram o bloqueio?

- Friíssssssssssssimo!

- A ver

- A ver nada falaram em unísono: O Presidente Figueiredo assinou a Lei No. 6.683, de 28 de agosto de 1979, que concede anistia e dá outras providências.

- Mentira. Mentira. Aos beijos, abraços entrelaçados, choramos. Quando, não sabia, mas voltaria ao Brasil em algum momento. Eufórica, louca, alucinada, queria correr, gritar, sacudir o mundo.

- Calma, por favor. Agora vamos esperar o nome dos anistiados. Já é um começo. Calma.

- Vou à Batalha de Jigue.

- Espera. As crianças precisam saber com toda a certeza. Calma.

Teria toda a calma do mundo, esperara dez anos por isso. Dez anos. O importante agora era ver a famosa lista publicada no Diário Oficial. Mas como? Dormia tranqüila quando fui despertada por Rui.

- Olha aqui! Olha! Encontrei no JB do dia 28/08/1979. "Supremo Tribunal Militar divulga relação de 326 anistiados e liberta 12 presos". Leia no corpo da matéria – Marília Guimarães Freire. Leiaaaaaaaaaaaaaa! Embaixo tem mais. Uma lista em ordem alfabética.

- Vê se tem o nome do Liszt. Vê do Ibra. Vê se está o Fausto, o Minc. Vê, Rui! Que faço, Meu Deus?

De novo, o verde, o cheiro do mar. As minhas montanhas. O Pão de Açúcar! A Bethânia! A Cinelândia! Os meus companheiros! Vamos contar para as crianças, embolava tudo. Por onde começar? Por onde ser feliz? Como deixar esta ilha que amo tanto? Que faço com os pores-do-sol sem o Nicola? Sem as *luciernágas*? Sem a timidez do Silvio? Sem as cores do Nelson e do Choco.? Que faço sem o Carlos nas tardes de San Lázaro? Não há nada no mundo, nem nunca haverá, que me faça deixar de gostar desta ilha. Como estará meu Brasil? Onde

ponho esta tristeza e esta alegria? Abrace-me. Mais forte. Abraçe-me por todos e por tudo.

*... "um terno em tecido jeans e um distintivo tricolor do antigo Partido Trabalhista Brasileiro, hoje Partido Democrático Trabalhista (PDT), na lapela, o engenheiro Leonel Brizola chegou ao aeroporto de Foz do Iguaçu às 17h25 do dia 06 de setembro de 1979, para encerrar o mais longo exílio já vivido por um político brasileiro. Ele desceu de um bimotor Piper de oito lugares que o trazia de Assunção e atravessou a pista acenando alegremente..."*  
*... Disposto a regressar ao Brasil mesmo sem ter sido anistiado, Brizola foi convencido por amigos a aguardar que seu nome fosse incluído na lei da anistia. Contudo, seu retorno só ficou assegurado duas horas antes do pouso do pequeno avião que o trouxe de Assunção por um recado telefônico de Brasília que mandou riscar seu nome da lista de indesejáveis do computador da Polícia Federal, onde ainda figurava apesar da lei da anistia. O visto de entrada saiu em um minuto...*  
*Revista Veja 12/09/1979*

Cheguei rápido à escola. Beijava entre lágrimas meus dois e infinitos amores.

- Vamos voltar ao Brasil. Fomos anistiados. Continuem estudando até que possamos saber como voltar.

- Paramos de estudar? A escola está ótima. Hoje, recolhemos morangos e abacaxis. Você vai comprar no mercado o abacaxi que eu peguei? Oi! Escutou, mãe?

- Escutei, Cell. Hoje, mesmo vi piñas no supermarket, deve ser as que vocês recolheram. Vamos comprar.

Jamais decepcioná-lo. Nunca no momento da emoção. Mais tarde, diria que em muitos lugares da ilha outros meninos também haviam recolhido abacaxis.

Os aeroportos do país estavam de festa. Familiares, TV's, rádios, jornais aguardavam a chegada de cada vôo para receber seus filhos. Lembrei do Henfil - um dos maiores cartunistas, o criador dos fabulosos "Os Fradinhos". Passou toda sua vida defendendo o fim do regime ditatorial, esperando ansioso a volta de seu irmão querido, Herbert de Souza - o revolucionário Betinho -. O companheiro que iria mudar mudar conceitos. Fernando Gabeira, entre outros tantos pousavam em solo brasileiro.

Durante anos a fio, os cruéis censores da ditadura impediam a publicação de notícias, mas o povo melhor que ninguém entendeu as saídas que

encontraram nossos jornalistas – passando as informações através de “receitas de bolo” e outras metáforas. O Pasquim criado por intelectuais, através de doses maciças de humor, verve, anarquia e inteligência abria o Brasil escuro, escondido para o leitor . Chico Buarque , por ter suas músicas previamente censuradas passou a usar pseudônimo de *Julinho da Adelaide e Leonel de Paiva* . Apesar da censura músicas como “Tô voltando” fazia o maior sucesso na voz de Simone e servia de refrão para os que voltavam do exílio.

*..Pode ir armando o coreto e preparando aquele feijão preto  
Eu to voltando*

*Põe meia dúzia de Brahma pra gelar, muda a roupa de cama  
Eu to voltando*

*Leva o chinelo pra sala de jantar...Que é lá mesmo que a mala eu vou largar  
Quero te abraçar, pode se perfumar porque eu to voltando  
Dá uma geral, faz um bom defumador, enche a casa de flor  
Que eu tô voltando*

*Pega uma praia, aproveita, ta calor, vai pegando uma cor  
Que eu tô voltando*

*Faz um cabelo bonito pra eu notar que eu só quero mesmo é  
Despentear*

*Quero te agarrar... pode se preparar porque eu to voltando  
Põe pra tocar na vitrola aquele som, estréia uma camisola  
Eu to voltando*

*Dá folga pra empregada, manda a criançada pra casa da avó  
Que eu to voltando*

*Diz que eu só volto amanhã se alguém chamar*

*Telefone não deixa nem tocar... Quero lá.. lá.. lá.. ia.....porque eu tô voltando!  
Pode ir armando o coreto e preparando aquele feijão preto  
Eu tô voltando*

*Põe meia dúzia de Brahma pra gelar, muda a roupa de cama  
Eu tô voltando*

*Leva o chinelo pra sala de jantar...Que é lá mesmo que a mala eu vou largar  
Quero te abraçar, pode se perfumar porque eu to voltando  
Dá uma geral, faz um bom defumador, enche a casa de flor  
Que eu tô voltando*

*Pega uma praia, aproveita, ta calor, vai pegando uma cor  
Que eu tô voltando*

*Faz um cabelo bonito pra eu notar que eu só quero mesmo é  
Despentear*

*Quero te agarrar... pode se preparar porque eu to voltando  
Põe pra tocar na vitrola aquele som, estréia uma camisola  
Eu tô voltando*

*Paulo César Pinheiro e Maurício Tapajós*<sup>58</sup>

Paulo e Célia preparavam a viagem de volta. A volta de muitos era assunto de todos os dias. As famílias agitadas enviavam dinheiro, xerox de documentos para a legalização da entrada. Nós nada. Ligamos para o Brasil, mas a família do Fausto alegou não ter nenhum documento meu. O Embaixador da Suíça, representante do Brasil em Cuba se recusava a me reconhecer como brasileira.

- *Usted tiene que tener alguna prueba* – argumenta.

Regressei diversas vezes à Embaixada. Nada. Sem provas não teria salvo-conduto.

- Mirian, encontrei uma saída.- chegou Rui com a novidade. - A Cecília Thompson, esposa do Francisco Guarnieri, viveu lá em casa quando estavam exilados. Ela é jornalista. Vamos ligar para a Folha de São Paulo, localizá-la. Tenho certeza de que nos ajudará.

Assim foi. Cecília começou a tentar uma saída para localizar o número da minha identidade no Rio de Janeiro, Missão praticamente impossível. A democracia estava longe de acontecer.

Determinada, telefonei para o Aroldo Wal, jornalista brasileiro que trabalhava na Prensa Latina. Sempre os jornalistas salvando-me de situações extremas.

Antes anos em Lima, quando tudo já parecia perdido a imprensa internacional botou a boca no mundo denunciando que naquele “Caravelle” que desviávamos para Cuba haviam duas crianças de 2 e 3 anos de idade. Tanto o império, quanto a ditadura brasileira pensaram duas vezes. Não invadiram o avião.

Aroldo prestativo como sempre orientou-me a ligar para o Alto Comissionado da ONU, falar com Sérgio Vieira de Melo. Sérgio é brasileiro, amigo, com certeza, ajudaria também. Ele ia tentar outras formas de me ajudar.

Lázaro Garcia, um dos trovadores da Nova Trova de Cienfuegos, hospedado em minha casa por estes dias, me acompanhou outra vez à Embaixada da Suíça.

- Desta vez conseguiremos.- vamos Lázaro. Acredite, sou pé quente. Tive uma idéia fantástica.

- Senhor Embaixador, não sou eu que devo provar minha nacionalidade, e

---

<sup>58</sup> *Paulo César Pinheiro- Compositor*  
*Maurício Tapajós – Músico*

sim meu país. Afirmei.

Pensativo, passou alguns minutos.

- Tem razão. Vou lhe dar o salvo-conduto. Traga fotos suas e das crianças.

- Aqui estão - apresentei.

- Como você tinha certeza de que eu aceitaria?

- Intuição. Vontade de ver o meu país.

Sáímos discretos da embaixada, localizada na Quinta Avenida, linda, florida, com suas margaridinhas amarelas. A menos de 10 metros, atirei-me nos braços de Lázaro e rodopiamos pela alameda central, enamorados pela vida, pela liberdade.

Arruma aqui, desarruma ali. Cary, incansável. Rui separava o que eu deveria trazer.

- O apartamento fica montado, pois se acaso você quiser voltar - sentenciou Julian.

Por fim, a despedida. Um entra e sai de amigos de dez anos. Até Bárbaro veio de Pinar del Rio. Fizemos um sarau, cheio de saudade. Cantamos, choramos, rimos, conversamos, trocamos juras de amor eterno. Todos, lágrimas nos olhos, beijaram-nos com todo carinho que cabe neste mundo, sem dizer adeus Ninguém iria ao aeroporto. Muita confusão. Emoção em demasia.

Na manhã de 13 de novembro, saímos com destino ao Panamá.

Julian nos passou para sala VIP, beijou-nos sem dizer palavras, deixou-nos a na escada do avião. Não olharia para trás. Podia regressar.

Minutos depois, o avião de Cubana de Aviação, que nos levaria de volta do exílio, despegou da pista do "José Martí" em direção ao Cruzeiro do Sul. Pela janela, olhei o verde da plantação que circunda Rancho Boyeros. Quantos anos de felicidade. Quantos amores. Quantas realizações. Quanta poesia. Quanta cor. Quanta música. Quanta ternura levávamos em nossos corações. Minhas lágrimas molharam o solo querido da eterna ilha de Fidel, de Camilo, do Che, do Ramiro, do Fabian, do Ulisses, do Ifrain, do Olaf, dos trovadores, dos poetas, pintores, dos vizinhos da Calle Terceira, da playta, dos exuberantes por-do-sol, das ondas falantes do malecón, da Calle San Nicolás, do Hotel Capri, das meninas de mini-saias, das novas construções de Alamar, de San Agustín, do Antônio e Juanita, do único paraíso onde a pequena serena é diurna.

Dez dias no Panamá. A Varig tinha apenas um vôo semanal, que estava lotado, embora tivéssemos reservado desde Havana. Com apenas quatrocentos dólares, seria difícil esperar dez dias em um Hotel. Reinaldo, companheiro

brasileiro, que vinha comigo no mesmo vôo, foi para o mesmo hotel dividir o quarto. Pela madrugada, saído do céu, apareceu padre Chico que nos levou à sua casa.

Trabalhando em uma reserva indígena, hospedava todos os revolucionários que por lá passavam, guerrilheiros salvadorenhos, brasileiros, nicaragüenses, índios.

Chegar à reserva nos obrigava a cruzar a Escola das Américas, campo de treinamento anti guerrilha que os americanos mantinham no Panamá. Aí passávamos os dias, banhando na água fria do Pacífico, em uma belíssima praia selvagem, na espera do dia definitivo da partida. Entre idas e vindas, conseguimos o passaporte na Embaixada do Brasil no Panamá. Estava legalizada.

Vinte e dois de novembro chegou cedo, caloroso como são os dias panamenhos. Ora chove, ora faz um sol e calor insuportáveis. O 737 da Varig decolou suave já beirando zero hora. Chegaríamos em nove horas. Tomada pela emoção da volta, mesclava todos os sentimentos em uma gamela de sonhos, sem poder conciliar o sono. Todas as lembranças passadas, presentes, futuras entravam vertiginosamente, percorrendo meus neurônios. Machado de Assis entrelaçava Alejo Carpentier. Chico Buarque e Sílvio Rodriguez se fundiam em uma só harmonia. Rio e Havana eram beijadas pelas mesmas ondas do Atlântico. Laranjeiras e Miramar, com suas esquinas e histórias, sacudiam na turbulência amazônica. Estávamos sobrevoando solo brasileiro.

*“Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa  
E brinca em teus cabelos e te alisa  
Pátria minha, e perfuma teu chão...  
Que vontade vem de adormecer-me  
Entre teus doces montes, pátria minha  
Atento à fome em tuas entranhas  
E, ao batuque em meu coração...”  
Vinícius de Moraes*

Ouçõ longe a voz do comandante anunciando a chegada. Embriagada pela alegria, sufocando de emoção, pego Marcello e Eduardo pelas mãos, saio da nave em direção à saída.

- Marília Guimarães? – pergunta o homem vestido de preto com as insígnias da Polícia Federal.

- Sim. Sou. Seguro

- Acompanha-me.



- Marcello e Eduardo? – pergunta outro agente. - Venham comigo.
- Por quê? São meus filhos.
- Sigam-me por favor.
- 23 de novembro de 1979. Fomos detidos.

*...Guardaré lo mejor, lo más querido  
debajo de mi almohada por si acaso  
guardaré aquel frescor del primer beso  
para cuando mañana caiga herido.*

*Guardaré lo mejor, la maravilla  
en un cofre de nácar y de estrellas  
guardaré en su interior las cosas bellas  
para el tiempo de sembrar otra semilla.*

*Más si alguien se atreve a arrebatar  
tanto tesoro ahorrado en estos años  
tanta niñez feliz, tanto cariño  
tanto descubrimiento, tanto sueño  
juro desenfundar mi fantasía  
y a golpe de canción dar la batalla  
juro que haré volar mi maravilla  
en nombre de este tiempo y su poesía.  
Augusto Blanca<sup>59</sup>*

---

<sup>59</sup> Augusto Blanca –Compositor, intérprete, artista plástico, poeta. De Banes - Cuba – Fundador do Movimento da Nova trova -

“– Isto é um sequestro. Mude o rumo para Cuba.” Estas foram as palavras que o comandante Amaral ouviu a bordo do Caravelle PP-PDZ, dez minutos depois de levantar vôo de Montevideú, no dia 1º. Ele e o segundo oficial, Hélio Batista

Borges, tentaram convencer os sequestradores da impraticabilidade do vôo até Havana, mas suas ponderações foram inúteis.

Os sequestradores não aceitaram, sob qualquer hipótese que o aparelho aterrissasse no Brasil, embora os pilotos tivessem advertido que surgiriam dificuldades de pouso na rota do pacífico. Por fim, concordaram em descer em Buenos Aires e, de lá, seguir para Lima, no Peru.

O comandante Amaral, e o segundo-oficial Borges ainda lidavam com o instrumental do “Caravelle”, quando a porta da cabina foi aberta. Surgiram dois homens armados com revólveres calibre

38, carga dupla.

Borges procurou manter a calma. Tratou de alertá-los sobre os problemas que surgiriam e lembrou, inclusive, as dificuldades enfrentadas por outro Caravelle da Cruzeiro do Sul, desviado para Cuba no ano passado. De nada, adiantaram seus argumentos. A partir de Montevideú, até ontem - quando o jato pousou no Galeão - sucederam-se 136 horas de apreensões.

O grupo de sequestradores era formado de oito pessoas: quatro homens, duas mulheres e duas crianças. Todos foram enérgicos em suas ações, mas não deixaram de ser corteses com a tripulação e os passageiros.

Sempre havia um à porta da cabina de comando. Umadas moças, porém, demonstrava uma timidez que não se percebia nos demais. Ela cobria a arma com um pano.

Os piores momentos da viagem foram vividos em Lima, quando os sequestradores atiraram panfletos pela janela e, antes que os repórteres peruanos pegassem algum, a polícia cercou o aparelho. Fazia muito calor lá dentro porque o sistema de refrigeração estava desligado e tudo isso contribuiu para aumentara tensão.”

*Fonte: Folha de São Paulo, São Paulo, 5 de janeiro de 1970.*

“HAVANA -148 As autoridades cubanas identificaram os sequestradores do avião brasileiro “Caravelle”, que aterrizou nesta capital como “seis homens e duas mulheres armados de dois re- vólveres”.

“Como se sabe, o grupo identificado do exterior, como mem- bros do movimento extremista brasileiro, “Var-Palmares”, havia se apoderado quinta- feira do “Caravelle” da companhia “Cruzeiro do Sul”, quando voava entre Montevidéu e São Paulo.

“Trata-se do primeiro avião deste ano desviado para Cuba pelos “piratas do ar”. No ano passado, quatro aparelhos de na- cionalidade brasileira, foram desviados para Cuba, dos quais dois pertenciam à Cruzeiro do Sul.”

Fonte: O Granma, Havana, Cuba, 07 de enero de 1970.

## FALTA IMAGEM CORRETA

“Durante uma hora, os nove passageiros e sete tripulantes do Caravelle da Cruzeiro do Sul, PP-PDZ, que chegou ao Galeão, às 11 h25m, depuseram perante as autoridades da aeronáutica sobre o sequestro do avião e lhes foram exibidos slides de subversivos para serem identificados. Nesse espaço de tempo não foram permitidos contatos entre os ocupantes do avião e seus familiares, que estavam presentes no aeroporto.

O primeiro oficial do Caravelle, Hélio Borges, após ter sido liberado pelas autoridades de segurança, disse que nenhum dos suspeitos apresentados através dos slides a passageiros e tripulantes foi reconhecido, acrescentando, porém, que quanto à identificação dos verdadeiros sequestradores não existe qualquer problema, pois eles próprios se identificaram durante o vôo, não colocando obstáculos a isso.”

*Fonte: O Dia, Rio de Janeiro, janeiro de 1970.*

## Moaryr-João Lucas Alves

Militante do Comando de Libertação Nacional (COLINA). Nasceu em Canhotinho/PE, em 3 de novembro de 1935. Era 2º sargento da Aeronáutica.

Morto aos 34 anos, em Belo Horizonte.

Estudou no Grupo Escolar Marcelo Pinheiro e fez o Colegial no Ginásio Visconde de Mauá, em Recife, indo para a Escola de Especialistas da Aeronáutica em Guaratinguetá/SP, de onde saiu como 3º sargento. Serviu na Base Aérea de Ibura/PE de 1957 a

1960. Em 1961 esteve nos Estados Unidos especializando-se por conta do Ministério da Aeronáutica.

Expulso da FAB em 1964 pelo Ato Institucional nº L Preso, no Rio de Janeiro, a 8 de novembro de 1968 e levado para o DOPS/ RJ e, posteriormente, para a PE. Em 20 de novembro de 1968, foi decretada sua prisão preventiva por 30 dias e, em 18 de dezembro, prorrogada por mais 30 dias. Ao final dos 60 dias, foi requerido o relaxamento de sua prisão, em 20 de janeiro, ato reiterado em 29 de janeiro, pedidos que não foram apreciados pela Justiça.

Em 28 de fevereiro, em nota oficial, foi transferido para a Polícia de Belo Horizonte e, em 06 de março, foi anunciada sua morte por suicídio na Delegacia de Furtos e Roubos de Belo Horizonte.

Nas torturas que sofreu nesse departamento policial, João Lucas teve vários ossos quebrados, olhos vazados, além de queimaduras generalizadas. Onofre Pinto (ex-banido e desaparecido em

1974), preso na mesma época, denunciou o ocorrido em depoimento à organização "Amnesty International".

Vários presos políticos, como Antônio Pereira Mattos, Angelo Pezzutti da Silva e Afonso Celso Lana Leite dentre outros, em depoimentos realizados em Auditorias Militares, à época, denunciaram as torturas sofridas por João Alves.

O laudo médico, requerido pelo advogado Modesto da Silveira, revelou unhas arrancadas, escoriações e equimoses ao longo do corpo, inclusive no rosto e nas nádegas, não demonstrando qualquer indício do suposto suicídio por enforcamento.

A necrópsia, realizada no Departamento de Medicina Legal/ MG, em 06 de março de 1969, firmada pelos Drs. Djezzar Gonçalves e João Bosco Nacif da Silva, confirma a falsa versão policial de suicídio por enforcamento, apesar de descrever algumas escoriações presentes no braço esquerdo, pé direito e na região glútea, assim como a falta de uma unha e rouidão em outras. Esses mé-

## Juarez-Juarez Guimarães de Brito

Dirigente da VANGUARDA POPULAR REVOLUCIONÁRIA (VPR).

Nasceu, em 22 de janeiro de 1938, em Belo Horizonte, filho caçula de Amélia Guimarães de Brito e do engenheiro Jayme Ferreira de Brito.

Ao lado de seus irmãos mais velhos, teve uma infância alegre. Seu primeiro sobrinho nasceu antes que ele fosse alfabetizado, e seus irmãos brincavam com ele, chamando-o de tio analfabeto. Passou parte dessa meninice, vivendo no que ele costumava chamar de paraíso, uma estação experimental de fruticultura, sob a direção de seu pai, então Secretário de Agricultura do Estado do Maranhão.

De volta a Belo Horizonte, Juarez estudou no Colégio Batista e, posteriormente, ingressou na UFMG, na Faculdade de Ciências Econômicas, onde se formou em 1962, nos cursos de Sociologia e Política e Administração Pública.

N aquela época, alternava os estudos com as atividades políticas e com a paixão pelo cinema. Era freqüentador assíduo do Cineclub do Colégio Arnaldo.

Membro da Juventude Trabalhista do PTB de Minas Gerais, trabalhou principalmente junto aos sindicatos, assessorando e organizando cursos de história e oratória. Como militante da POLOP participou de todas as lutas da época: da greve dos mineiros de Nova Lima contra a Hanna Corporation, movimentos da Liga Camponesa de Três Marias, entre tantas outras.

Casou-se em 1962 com sua primeira namorada, Maria do Carmo.

Depois de formado, o eixo de sua vida passou a ser a atividade política. Em 1963, foi trabalhar em Goiás, como assessor e professor da Universidade Federal. Em 1964, mudou-se para Recife, onde exerceu funções na SUDENE.

Após o golpe de 64, foi preso e passou 5 meses na prisão. Ao ser libertado, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde continuou a trabalhar como sociólogo e pesquisador.

Divergindo da orientação da POLOP, dela se afastou ao optar pela luta armada como forma mais adequada à resistência ao golpe militar naquele momento, passando a fazer parte do COLINA.

Participou da criação da VAR/PALMARES e, após sua divisão, permaneceu como militante da VPR.

No dia 18 de abril de 1970, quando o carro que dirigia foi cercado, Juarez cumpriu um pacto que tinha com sua companheira e deu um tiro no próprio ouvido. Embora tenha sido atingido também pelos policiais, o tiro letal foi

## Onofre - Onofre Pinto

Dirigente da VANGUARDA POPULAR REVOLUCIONÁRIA (VPR).

Nasceu aos 26 de janeiro de 1937 em Jacupiranga, Estado de São Paulo, filho de Júlio Rosário e de Maria Pinto Rosário.

Desaparecido aos 36 anos. Ex-sargento do Exército Brasileiro. Seu prontuário nos arquivos do antigo DOPS/SP registra que Onofre teve seus direitos políticos cassados pelo Ato Institucional nº1 e sua prisão preventiva decretada, em 8 de outubro de 1964, pela 2ª Auditoria de Guerra de São Paulo, por sua participação no "Movimento dos Sargentos".

Foi indiciado em IPM instaurado pela 2ª Auditoria da 2ª RM em 2 de fevereiro de 1966.

Foi preso no dia 2 de março de 1969 por elementos do DOPS e da 2ª Cia-PE.

Foi banido do Brasil em setembro de 1969, quando do seqüestro do embaixador americano no País, e viajou para o México com outros 14 presos políticos.

Ainda dos registros policiais consta que, "Informação do II Exército de 29/01/70, esclarece que Onofre Pinto ... teria a intenção de retornar ao Brasil... em princípios de fevereiro de 1970". E completa os dados:

"O Ministério do Exército nos comunicou que provavelmente o marginado encontrar-se-ia no Chile." Mais adiante, outras informações ratificam o quanto se encontrava "cercado" pelos policiais:

"A CIOP, em 2/7/73, nos comunicou o seguinte: 'A carteira de identidade de Francisco Wilton Fernandes, emitida pelo Instituto Nacional de Identificação do Departamento de Polícia Federal, Brasília, em 17/05/73, RG nº 104.947, estaria de posse de um aparelho de subversivos brasileiros em Santiago do Chile. Segundo o informante, a referida carteira deverá ter a fotografia substituída pela de Onofre Pinto.'" "O Ministério da Aeronáutica, em 1/8/73 nos comunicou que o ex-sargento do Exército Onofre Pinto ... reside em Santiago do Chile no seguinte endereço ... " "Relatório de Plantão de 29/6/74, nos comunica que através do Rádio nº 3749, proveniente da DPF, fomos solicitados a observar os indivíduos Onofre Pinto e Daniel José de Carvalho, que se dirigem para São Paulo, procedentes do Uruguai ... "

Desapareceu em julho de 1974, quando tentava entrar clandestinamente no Brasil com um grupo de banidos.

## Carlos - Wellington Moreira Diniz

Nascido em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 10/03/1947, iniciou sua vida política no Movimento Estudantil, através do “Grêmio Estudantil da Escola Técnica” como 1º Secretário da União Mineira do Estudante Técnico Industrial.

Fez parte da AP, POLOP, V AR- PALMARES, VPR. Técnico em Máquinas e Motores, formado na Escola Técnica Federal MG. cursou até o segundo ano de Sociologia pela UFMG, e segundo ano de História na FAFIBH.

Foi preso em setembro de 1968 por subversão e apoio a greve dos metalúrgicos, no “120 Regimento de Infantaria do Exército.” Fez greve de fome nos presídios masculino e feminino, em novembro, exigindo a liberdade após a morte do pai.

Solto em 12 de dezembro de 1968, entra na clandestinidade. Participou de inúmeras ações e foi preso em abril de 1970 pelo

DOI Codi, no tiroteio do Largo do Machado.

Em 1971, foi libertado na troca do Embaixador Suíço. Esteve exilado até a anistia em 1979, no Chile, México e Itália. Participou da guerra para a independência de Angola.

Atualmente, exerce os cargos: Diretor e Professor na Clínica “Tai-Ji Terapias Orientais”, Professor da “Escola Paulista de Terapias”, Acupunturista do Hospital Espírita André Luiz; Presidente do Sindicato dos Acupunturistas e Massoterapeutas de BH SIMOR.

Fonte: O próprio



## Liszt / Rodolfo - Liszt Benjamin Vieira

Liszt Vieira já era advogado e, na época, estudante de Ciências Sociais, quando sua geração foi colhida pelo impacto do Ato Institucional no. 5, em dezembro de 1968. Participante ativo do movimento estudantil que explodiu no Brasil e no mundo, nos idos de

68, assumiu a continuidade das lutas pela redemocratização do país participando da luta armada contra a ditadura militar.

Foi preso, torturado e banido do Brasil em junho de 1970, trocado, com outros companheiros, pela liberdade do embaixador alemão que havia sido sequestrado no Rio de Janeiro um mês antes.

Morou na Argélia, Cuba, Chile, Argentina e França.

Viveu dez anos no exílio, sendo os cinco últimos na França, onde concluiu na Universidade de Paris um mestrado em ciências sociais.

Pioneiro da ecologia política no Brasil, foi eleito deputado pelo PT- RJ em 1982. Dedicou-se nos anos 80 à atividade política parlamentar e aos movimentos sociais, havendo participado diretamente da Campanha das Diretas Já, dos debates sobre a Constituinte em 1988, da campanha presidencial de 1989.

Nos anos 90, foi coordenador do Fórum Global da Conferência Rio-92, do Fórum Brasileiro e do Fórum Internacional de ONGs, de 1991 a 1995.

Atualmente é professor de Sociologia na PUC-Rio e professor de Política Ambiental na Universidade Federal Fluminense - UFF. É doutor em Sociologia pelo IUPERJ. É divorciado e pai de três filhos.

Escreveu inúmeros artigos para livros e revistas. É autor dos seguintes livros: Cidadania e Globalização (1997), Os Argonautas da Cidadania (2001); na área ambiental, publicou Fragmentos de um Discurso Ecológico (1990), Ecologia: Direito do Cidadão (1993) e Cidadania e Política Ambiental (1998), os dois últimos como co-autor.

Fonte: O próprio.

## **Carlos - Wellington Moreira Diniz**

Nascido em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 10/03/1947, iniciou sua vida política no Movimento Estudantil, através do “Grêmio Estudantil da Escola Técnica” como 1º Secretário da União Mineira do Estudante Técnico Industrial.

Fez parte da AP, POLOP, V AR- PALMARES, VPR. Técnico em Máquinas e Motores, formado na Escola Técnica Federal MG. cursou até o segundo ano de Sociologia pela UFMG, e segundo ano de História na FAFIBH.

Foi preso em setembro de 1968 por subversão e apoio a greve dos metalúrgicos, no “120 Regimento de Infantaria do Exército.” Fez greve de fome nos presídios masculino e feminino, em novembro, exigindo a liberdade após a morte do pai.

Solto em 12 de dezembro de 1968, entra na clandestinidade. Participou de inúmeras ações e foi preso em abril de 1970 pelo

Doi Codi, no tiroteio do Largo do Machado.

Em 1971, foi libertado na troca do Embaixador Suiço. Esteve exilado até a anistia em 1979, no Chile, México e Itália. Participou da guerra para a independência de Angola.

Atualmente, exerce os cargos: Diretor e Professor na Clínica “Tai-Ji Terapias Orientais”, Professor da “Escola Paulista de Terapias”, Acupunturista do Hospital Espírita André Luiz; Presidente do Sindicato dos Acupunturistas e Massoterapeutas de BH SIMOR.

Fonte: O próprio

**Glossário:**

Carlos (Wellington Diniz Moreira).

César Vallejo: Poeta peruano.

Chabuca Grande: Compositor e intérprete peruano. Fausto/Luiz (Fausto Machado Freire).

João: Juarez Guimarães de Brito. Liszt/Rodolfo: Liszt Bejamim Vieira. Moacyr: João Lucas Alves.

Sílvio Rodrigues: Compositor e intérprete. Um dos fundadores da Nova Trova cubana.

COLINA: Comando de Libertação Nacional. DEOPS: Departamento (Estadual) de Ordem Pública e Social. Orgão da Repressão Política a cargo da Política Cível. IAPTEC: Conjunto habitacional dos aposentados em Irajá. POLOP: Política Operária.

VAR-PALMARES: Vanguarda Armada Revolucionária -Palmares.

VPR: Vanguarda Popular Revolucionária.